

ESTUDO SETORIAL 2004

Indústria de
Madeira Processada
Mecanicamente





**Associação Brasileira da Indústria de
Madeira Processada Mecanicamente**

Alameda Dr. Muricy, 474 | 2.º andar
80010-120 | Curitiba | PR | Brasil
Fone/Fax: 55 (41) 3225-4358
abimci@abimci.com.br | www.abimci.com.br



STCP Engenharia de Projetos Ltda.

Fone: 55 (41) 3252-5861
Fax: 55 (41) 3252-5871
stcp@stcp.com.br | www.stcp.com.br



**FÓRUM NACIONAL DAS
ATIVIDADES DE BASE FLORESTAL**

Fórum Nacional das Atividades de Base Florestal

Fone: 55 (61) 327-1967
Fax: 55 (61) 326-8667
fnabf@terra.com.br

ESTUDO SETORIAL 2004

Indústria de
Madeira Processada
Mecanicamente

Copyright © 2005, ABIMCI. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida ou transmitida sob nenhuma forma ou qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação, fac-símile ou qualquer sistema de armazenamento de informação e recuperação, sem permissão expressa por escrito ou menção da fonte de informação. Retransmissão por fax, e-mail ou outros meios, os quais resultem na criação de uma cópia adicional é ilegal. Embora a ABIMCI tome todas as medidas para garantir a acuracidade das informações apresentadas no Estudo Setorial, nenhum tipo de responsabilidade legal poderá ser atribuída a ela pelas informações e opiniões contidas no mesmo.

Índice

1. INTRODUÇÃO	pág. 05
2. RECURSOS FLORESTAIS	pág. 09
2.1. Cobertura Florestal	pág. 10
2.2. Florestas de Produção	pág. 11
2.2.1. Florestas Naturais	pág. 11
2.2.1.1. Privadas	pág. 11
2.2.1.2. Públicas	pág. 11
2.2.2. Florestas Plantadas	pág. 12
2.2.2.1. Privadas	pág. 12
2.2.2.2. Públicas	pág. 13
2.3. Produção Florestal	pág. 14
3. A IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA DE MADEIRA PROCESSADA MECANICAMENTE	pág. 15
3.1. Economia Brasileira	pág. 16
3.2. Importância da Indústria de Madeira Sólida Processada Mecanicamente para Economia Brasileira	pág. 18
3.2.1. Produção	pág. 18
3.2.2. Receita Gerada e Impostos	pág. 18
3.2.3. Empregos	pág. 19
3.2.4. Comércio Exterior	pág. 20
3.2.5. Investimentos	pág. 21
3.2.6. Síntese da Importância Sócio-Econômica da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente	pág. 22
4. MERCADO DE PRODUTOS DE MADEIRA SÓLIDA	pág. 23
4.1. Compensado	pág. 24
4.1.1. Aspectos Gerais	pág. 24
4.1.2. Produção e Consumo	pág. 24
4.1.3. Comércio Internacional	pág. 25
4.2. Madeira Serrada	pág. 27
4.2.1. Aspectos Gerais	pág. 27
4.2.2. Produção e Consumo	pág. 27
4.2.3. Comércio Internacional	pág. 28
4.3. Remanufatura de Madeira (Produtos de Maior Valor Agregado)	pág. 31
4.3.1. Aspectos Gerais	pág. 31
4.3.2. Produção e Consumo	pág. 31
4.3.3. Comércio Internacional	pág. 33
5. DESAFIOS ENFRENTADOS PELA ABIMCI	pág. 39
5.1. Apagão Florestal	pág. 40
5.2. IAIF - Índice de Atração ao Investimento Florestal	pág. 41
5.3. A Indústria de Madeira Processada Mecanicamente e o Meio Ambiente	pág. 42
5.4. Barreiras que Limitam o Acesso a Mercados	pág. 43
5.5. Certificação Florestal e o CERFLOR	pág. 44
5.6. A Importância dos Produtos de Madeira para o Agronegócio Brasileiro	pág. 44
6. A ABIMCI E AS ESTRATÉGIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA DE MADEIRA PROCESSADA MECANICAMENTE	pág. 45
Abreviaturas	pág. 48
Associados ABIMCI	pág. 49
Diretoria ABIMCI	pág. 51



1

Introdução

A ABIMCI apresenta seu Estudo Setorial tendo claramente diante de si a sua Missão, agora oficialmente definida: “Representar o setor madeireiro nacional e internacionalmente e propiciar acesso a tecnologias, produtos e mercados, em interação com a sociedade.” Em pleno acordo com esse objetivo amplo, foram estabelecidas visões de longo alcance, a saber, ampliar a representatividade nacional da ABIMCI até 2010, fidelizar e elevar os níveis de satisfação dos associados, e fortalecer a internacionalização.

Para atingir esses fins, a ABIMCI precisa obter e trabalhar com informações minuciosas e precisas, que norteiem sua atuação e permitam concentrar forças nas áreas que exigem mais atenção. Assim, um amplo levantamento de dados tem sido realizado, por meio de pesquisas e estudos sobre o setor, para que a Associação possa aprimorar seus modos de operar, baseando-se na realidade dos fatos e atacando os problemas diagnosticados com mais profundidade. Em entrevistas pessoais, recebemos dos nossos associados idéias úteis sobre qual é o papel da ABIMCI e como ele vem sendo cumprido. Assuntos importantes têm sido abordados, tais como a imagem do setor, as necessidades dos associados e a comunicação do setor com a sociedade. Dessa forma, passamos a compreender melhor os aspectos do nosso setor que necessitam de uma atuação mais ativa de todos.

Uma questão central é a definição de papéis: quais são os direitos e deveres dos associados em relação à ABIMCI, e vice-versa?

Definição clara de papéis

Uma associação é muito mais que uma prestadora de serviços. Essa cultura precisa mudar: a Associação existe para representar o setor e defender seus interesses, ao passo que as empresas oferecem o suporte necessário para que isso aconteça de forma consistente e cada vez mais satisfatória. Uma associação representa um grupo dos participantes de um setor, e, por isso mesmo, é capaz de conquistar maior atenção e exercer maior influência do que empresas individualmente. É a sinergia, a “força pela união”. De modo que um dos papéis da ABIMCI é capitanear “intelectualmente” o setor, estabelecer e estreitar relacionamentos, além de criar e promover programas de apoio. A vantagem competitiva de um setor não é gerada por uma empresa solitária, por maior e mais bem estruturada que ela seja, mas sim por um conjunto de empresas ligadas por objetivos comuns. Com a Associação, empresas obtêm acesso a instalações e conhecimento especializados que jamais obteriam sozinhas.

A ABIMCI deve ajudar também a estabelecer e desenvolver políticas de desenvolvimento de infra-estrutura do setor, ou seja, projetos nas áreas de educação, cooperação em P&D, incentivos de acesso à tecnologia, ao crédito, e assim por diante. Além disso, deve ser um importante agente no aumento da competitividade do setor da madeira; aumentar a comunicação com o Poder Público e a sociedade, insistindo na necessidade do estabelecimento de uma política clara e de longo prazo para o setor de base florestal; colaborar para a melhora da imagem do produto “Madeira do Brasil” no exterior; ajudar a redefinir o papel dos agentes comerciais, para que esses possam prestar serviços com maior valor agregado; e em muitas outras ações em que a atuação coletiva do setor seja importante.

Para que a Associação possa avançar no cumprimento de suas funções, precisará ainda melhorar o seu próprio modelo de gestão por meio de medidas tais como modificar a forma de contribuição dos associados, criar um eficiente sistema de banco de dados que gere uma ampla gama de serviços e focalizar a qualidade da comunicação e do relacionamento com eles.

Por sua vez, é responsabilidade interna das empresas definir seus planos de negócios e estratégias de crescimento, sem os quais a Associação pouco pode fazer por elas. Alguns fatores que devem estar constantemente na pauta das empresas são: qualificação das pessoas; marketing e comunicação como partes essenciais de qualquer estratégia moderna de negócios; e valorização da pesquisa e desenvolvimento.

Ação sobre Questões Urgentes

É preciso entender os desafios mercadológicos que o segmento madeireiro tem de enfrentar. E o primeiro é a migração de um modelo setorial baseado na produção para um mais evoluído, baseado numa concepção mercadológica.

Outros desafios são os problemas de imagem que enfrentamos junto à sociedade, os entraves ao diálogo com os órgãos governamentais, as dificuldades comerciais que afetam nossos negócios, a desinformação por parte da mídia. Todos eles criam um cenário amedrontador que tende a nos colocar na defensiva, numa postura reativa. Mas não leva ao progresso ficarmos o tempo todo nos justificando por nossa atividade. É preciso evoluir da **reatividade** para a **ação**. Essa cultura precisa ser desenvolvida para que o nosso setor tenha condições de competição e crescimento nos tempos modernos. Devemos ser mais objetivos, colaborando mais uns com os outros, facilitando o acesso às informações, conhecendo melhor as iniciativas de sucesso nas quais podemos nos espelhar e que acontecem dentro do nosso próprio setor.

Tomemos como exemplo a ameaça que a China tem representado, inundando o mercado internacional com madeira sem comprovação de origem, trabalhada por mão-de-obra escrava. Ora, a Europa questiona nossos produtos e exige documentos de comprovação de origem, mas não utiliza o mesmo expediente para avaliar os produtos chineses. O que podemos fazer?

Em primeiro lugar, podemos procurar conhecer melhor as condições da China, suas potencialidades e dificuldades, passando a entender cenários que permitam que nos antecipemos e atuemos sobre eles. Para isso, devemos providenciar um estudo específico sobre esse competidor internacional, e debruçarmo-nos sobre os pontos relevantes que sirvam de base para nossa atuação como setor organizado, construindo nossas ferramentas de competição e seguindo em frente. Obviamente, não é apenas um indivíduo ou empresa que fará isso - seremos todos nós, por meio da Associação.

Outra medida importante é continuarmos a perseguir a qualidade e a certificar as nossas empresas, para que a nossa massa crítica cresça. Como disse acertadamente um associado, “a certificação é um investimento em qualidade”. Com isso estaremos modificando a maneira como nos comunicamos com os mercados nacional e internacional, mostrando a seriedade do nosso trabalho para ampliar nossa credibilidade e reconhecimento. Persistiremos nessa atitude até que conquistemos a confiança que queremos e novas oportunidades de negócios.

Comunicação e Imagem

O trabalho de comunicação institucional, criando a percepção correta do setor pela sociedade, é um instrumento valioso para abrir portas e eliminar barreiras de preconceito. A comunicação deve ser assertiva. Mas, o que temos a dizer? De fato, o nosso setor tem muitas coisas positivas a apresentar sem medo, de forma clara.

Geramos empregos. O setor de base florestal é, sem dúvida, um dos principais segmentos da economia brasileira geradores de emprego, oferecendo uma significativa contribuição socioeconômica para o país.

Proporcionamos a fixação do homem no interior. A mídia está sempre apresentando a migração para os centros urbanos como um grande problema social, ao passo que o setor da madeira ajuda a reverter esse quadro.

Colaboramos para a economia do país. A indústria de madeira processada mecanicamente exerce uma importante influência na balança comercial brasileira, causando um forte impacto na geração de renda, impostos e divisas.

Promovemos a preservação do ambiente. O setor está preocupado com a questão ambiental, e, ao contrário de ser um vilão, é um dos que colaboram ativamente para a preservação do ambiente. A percepção de que nossa indústria estava vinculada à degradação ambiental tem mudado gradativamente. Estudos têm demonstrado que, na realidade, as atividades de base florestal contribuem para a sustentabilidade dos recursos florestais. Além disso, cresce a percepção em todo o mundo de que a madeira é um produto “ambientalmente correto”, renovável, e que se destaca nas formas mais modernas de avaliação ambiental, como por exemplo, a análise do ciclo de vida do produto e do consumo de energia para sua produção.

Há ainda inúmeras maneiras pelas quais podemos melhorar nossa imagem, por meio do apoio a iniciativas de preservação, cultura e projetos sociais, e aproveitando quaisquer espaços de comunicação para divulgar essas iniciativas à sociedade.

A ABIMCI e o Futuro do Nosso Setor

A ABIMCI existe para nos representar. Ela é capaz de conquistar maior atenção e exercer mais influência do que as empresas individualmente. Esse sentimento de união precisa ser verdadeiro, para que possamos melhorar a atuação da Associação e do setor.

Esses são os desafios que devemos enfrentar com motivação e atitude positiva nos próximos anos, sabendo que, em qualquer campo da vida, são as dificuldades que nos incentivam a melhorar.

Mas não é possível tocar uma Associação, muito menos uma associação

do porte da ABIMCI, sem a colaboração constante de todos os seus associados. Por isso, a ABIMCI tem o compromisso de estar próxima deles, trocando idéias, melhorando a comunicação, ampliando os programas de qualidade, cooperando com outras associações e aprimorando o suporte comercial para nossas empresas. Tudo isso com o objetivo de criar um ambiente mais propício para que o setor e os nossos negócios tenham força para prosperar, e possamos colaborar de forma ainda mais efetiva para o desenvolvimento econômico e social do Brasil.

A photograph of a forest floor covered in fallen leaves, with a large white number '2' overlaid on the right side. The image is monochromatic, with a green tint. The number '2' is positioned in the upper right quadrant of the image. The background shows a dense forest of trees and a thick layer of leaves on the ground.

2

Recursos Florestais

2.1. Cobertura Florestal

A cobertura florestal brasileira é formada por florestas naturais e florestas plantadas abrangendo 544 milhões de ha, o que equivale a 2/3 do território nacional (vide figura 2.01). Predominam as florestas naturais localizadas na região Amazônica (florestas tropicais), as quais cobrem quase 539 milhões, enquanto que as florestas plantadas abrangem pouco mais de 5 milhões de ha (vide tabela 2.01).

Tabela 2.01.
Cobertura Florestal Brasileira

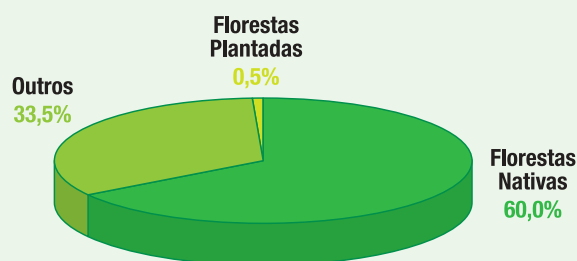
FLORESTA	Cobertura Florestal	
	1.000 ha	%
Nativa	538.747	99,0
Plantada	5.449	1,0
TOTAL	544.196	100,0

Fonte: FAO (FRA 2002), GEO BRASIL e ABRAF

A cobertura florestal brasileira sofreu uma forte redução nas últimas décadas, reflexo do processo de colonização através da implantação de grandes projetos agropecuários na região Amazônica, seguindo um modelo similar ao estabelecido anteriormente nas regiões sul e sudeste do país.

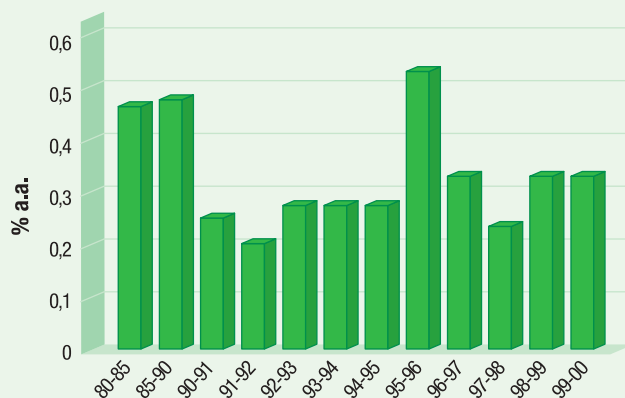
A taxa média de redução da cobertura florestal brasileira durante a década de 80 atingiu 0,44% a.a. (vide figura 2.02), quando culminou o processo de colonização na região Amazônica. As taxas de desmatamento diminuíram significativamente nos anos 90, porém ainda são bastante elevadas, em decorrência da contínua abertura de novas fronteiras agropecuárias.

Figura 2.01.
Distribuição da Cobertura Florestal Brasileira



Fonte: FAO (FRA 2000), GEO BRASIL e ABRAF

Figura 2.02.
Evolução da Taxa de Redução da Cobertura Florestal no Brasil (1980–2000)



Fonte: FAO e GEO BRASIL

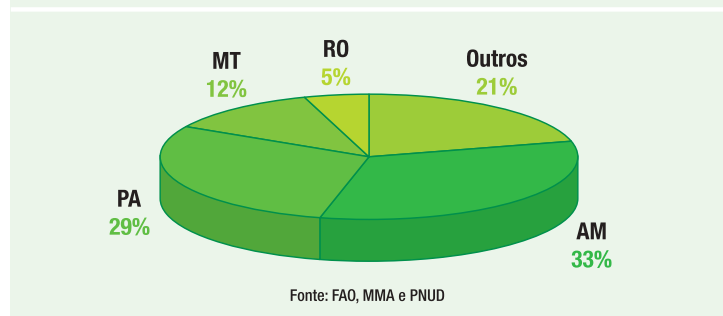
2.2. Florestas de Produção

2.2.1. Florestas Naturais

2.2.1.1. Privadas

Segundo dados da FAO, estima-se que as florestas naturais de produção privadas abrangem 242 milhões de ha no Brasil. Isso representa 45% da cobertura de floresta natural do país. As florestas naturais de produção privadas estão concentradas basicamente na região Amazônica. Individualmente, o Estado do Amazonas é o principal detentor de florestas naturais de produção privadas (79 milhões de ha), seguido pelos Estados do Pará (71,1 milhões de ha), Mato Grosso (29,4 milhões ha) e Rondônia (11,3 milhões de ha), conforme ilustra a figura 2.03. Os 52 milhões de ha restantes estão distribuídos principalmente entre os Estados do Acre, Amapá, Maranhão, Roraima e Tocantins.

Figura 2.03. Distribuição das Florestas Naturais de Produção Privadas no Brasil, segundo os principais Estados da Federação (2000)



Quase a totalidade da produção de madeira tropical consumida pela indústria de madeira processada mecanicamente no Brasil é proveniente de florestais naturais de produção privadas.

2.2.1.2. Públicas

As florestas naturais públicas são estabelecidas por lei, tanto no âmbito federal como estadual. As florestas naturais públicas são classificadas em: a) unidade de proteção integral; e b) unidade de uso sustentável.

As unidades de uso sustentável são consideradas como florestas de produção, as quais obedecem as seguintes categorias: a) florestas nacionais (FLONAS); b) reservas extrativistas; c) áreas de proteção ambiental; d) áreas de relevante interesse ecológico; e) reserva de fauna; f) reserva de desenvolvimento sustentável; g) reserva particular do patrimônio natural; e h) reserva indígena. A evolução da área de florestas de produção

naturais públicas no Brasil, segundo suas diferentes categorias é apresentada na tabela 2.02.

Tabela 2.02. Área de Florestas Naturais de Produção Públicas no Brasil (1970–2002)

TIPO	Área (1.000 ha)				Total
	Antes de 1970	70-80	80-90	90-02	
FEDERAIS					
Flonas	258	600	10.315	5.370	16.543
Reserva Extrativista	–	–	2.314	2.818	5.132
Área de Proteção Ambiental	–	–	1.475	6.159	7.634
Área de Interesse Ecológico	–	–	43	3	46
Reserva Indígena	–	6.977	10.465	10.466	27.908
Subtotal	258	7.577	24.612	24.816	57.263
ESTADUAIS					
Florestas Estaduais	–	–	350	1.756	2.106
Reserva Extrativista	–	–	–	899	899
Área de Proteção Ambiental	–	–	5.500	8.914	14.414
Reserva de Desenvolvimento Sustentável	–	–	–	65	65
Subtotal	0	0	5.850	11.634	17.484
TOTAL	258	7.577	30.462	36.450	74.747

Fonte: MMA

No início da década de 70, as florestas naturais de produção públicas eram inexpressivas. Na realidade, o aumento da criação das florestas naturais de produção públicas teve seu ápice nas últimas décadas como reflexo da preconização das políticas de preservação e conservação dos recursos naturais adotadas pelo governo brasileiro.

Embora a área de florestas naturais públicas privadas sejam bastante expressivas (74,7 milhões de ha), a produção de madeira e, mesmo, de produtos não-madeiráveis ainda é insipiente no Brasil. Entretanto, a perspectiva é que as florestas naturais públicas passem a exercer importância como fonte de suprimento da indústria brasileira de madeira processada mecanicamente, basicamente em virtude da discussão do projeto de lei para concessão de florestas públicas para produção de madeira.

2.2.2. Florestas Plantadas

2.2.2.1. Privadas

O Brasil possui 5,4 milhões de ha de florestas plantadas de produção privadas (vide tabela 2.03). A maioria dos plantios florestais existentes no país foram estabelecidos durante as décadas de 70 e 80 através do programa de incentivos fiscais (1966-1987), proporcionando um aumento substancial na oferta de madeira para uso industrial no país.

Tabela 2.03.

Área de Florestas Plantadas de Produção Privadas no Brasil (2004)

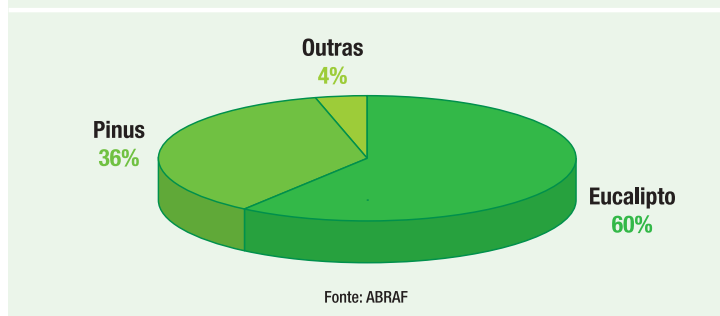
Espécie	Área Plantada	
	1.000 ha	%
Eucalipto	3.289	60,4
Pinus	1.965	36,0
Outras	202	3,6
TOTAL	5.456	100,0

Fonte: ABRAF

Predominam os plantios florestais com espécies exóticas, notadamente aquelas pertencentes ao gênero *Pinus* (*P. taeda*, *P. elliotii*, *P. caribaea* var. *caribaea*, *P. caribaea* var. *hondurensis*, *P. oocarpa*) e *Eucalyptus* (*E. grandis*, *E. urophylla*, *E. saligna* e *E. citriodora*). Os plantios de eucalipto respondem por 60% da área de florestas plantadas no Brasil, enquanto que os plantios de pinus representam 36% (vide figura 2.04). Entre os restantes 4% se enquadram espécies como a teca (*Tectona grandis*), acácia (*Acacia spp*), gmelina (*Gmelina spp*), seringueira (*Hevea brasiliensis*) e pinho (*Araucaria angustifolia*).

Figura 2.04.

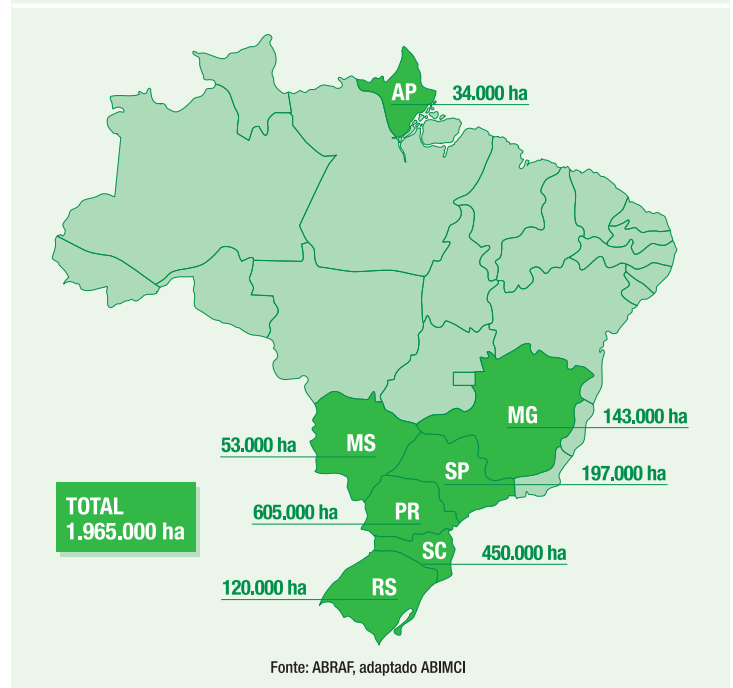
Principais Espécies Florestais Plantadas no Brasil (2004)



Segundo dados da ABRAF, as plantações de pinus abrangem 2 milhões de ha concentrados na região sul do país, particularmente nos Estados do Paraná e Santa Catarina (vide figura 2.05). Juntos, Paraná e Santa Catarina, contribuem com mais da metade das plantações de pinus existentes no país.

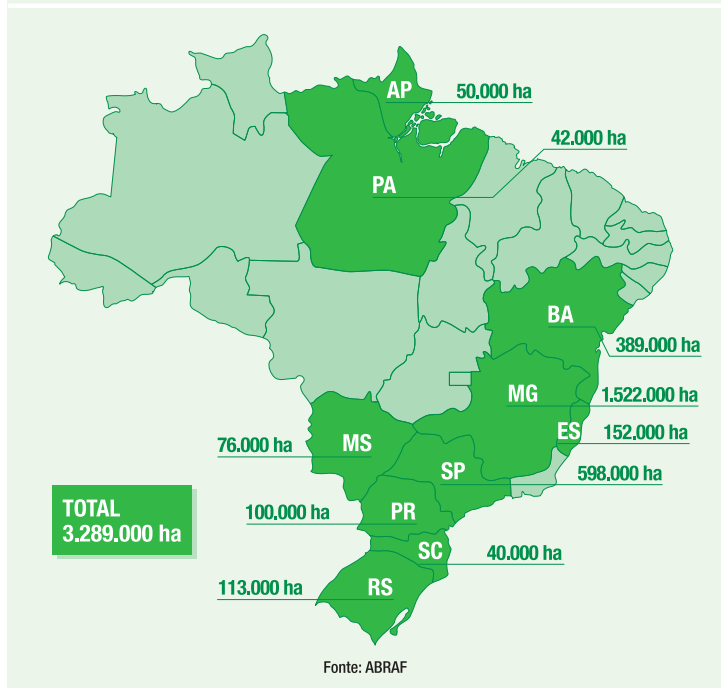
Figura 2.05.

Distribuição das Plantações de Pinus no Brasil (2004)



Por sua vez, os plantios de eucalipto cobrem 3,3 milhões de ha distribuídos principalmente nos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Bahia (vide figura 2.06). Isoladamente, o Estado de Minas Gerais responde por 46% da área plantada de eucalipto existente no país.

Figura 2.06. Distribuição das Plantações de Eucalipto no Brasil (2004)



2.2.2.2. Públicas

As florestas plantadas de produção públicas estão concentradas basicamente nas Florestas Nacionais (FLONAS), localizadas na região sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e sudeste (São Paulo), conforme ilustra a tabela 2.04.

Tabela 2.04. Florestas Plantadas de Produção Públicas – FLONAS

ESTADO	FLONAS
São Paulo	<ul style="list-style-type: none"> • Capão Bonito • Lorena • Ipanema
Paraná	<ul style="list-style-type: none"> • Açungui • Vila Velha • Irati
Santa Catarina	<ul style="list-style-type: none"> • Três Barras • Caçador • Chapecó • Ibirama
Rio Grande do Sul	<ul style="list-style-type: none"> • Canela • Passo Fundo • São Francisco de Paula

Fonte: IBAMA

As FLONAS envolvendo florestas plantadas de produção abrangem aproximadamente 24.000 ha, sendo que a área de efetivo plantio corresponde a pouco mais de 7.000 ha. As florestas plantadas de produção públicas são muito pouco expressivas em termos de produção de madeira frente às florestas plantadas de produção privadas.

2.3. Produção Florestal

O Brasil é um dos países que detém uma das maiores reservas florestais do planeta, ficando atrás somente da Rússia.

A capacidade de produção sustentada das florestas de produção no Brasil é extremamente elevada, particularmente em se considerando as florestas naturais. A capacidade de produção sustentada das florestas de produção no Brasil é estimada em 390 milhões de m³ anuais, sendo 242 milhões de m³/ano (62%) proveniente de florestas nativas e 148 milhões de m³/ano (38%) provenientes de florestas plantadas. Embora as florestas plantadas contribuam com apenas 2% da área de florestas de produção no país, elas são extremamente importantes em termos de capacidade de produção sustentada. Isso se deve basicamente a elevada produtividade das florestas plantadas quando comparada com as florestas nativas.

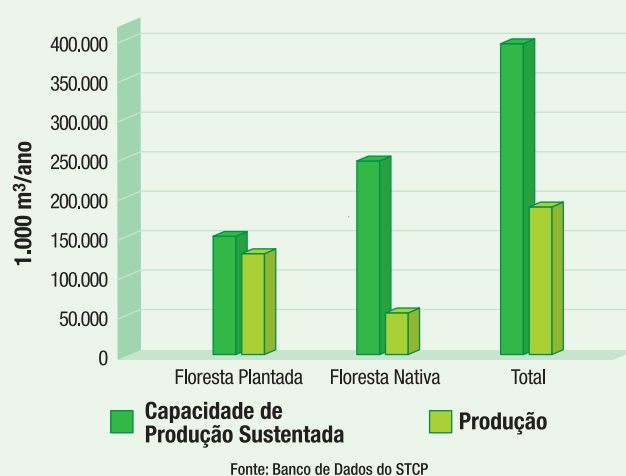
Tabela 2.05.
Capacidade da Produção Sustentada das Florestas de Produção no Brasil (2004)

FLORESTA	Cobertura Florestal		Capacidade de Produção Sustentada	
	1.000 ha	%	1.000 m ³ /ano	%
Nativa	242.000	97,8	242.000	62,1
Plantada	5.449	2,2	148.000	37,9
TOTAL	247.449	100,0	390.000	100,0

Fonte: Banco de Dados STCP

A produção atual de madeira para uso industrial no Brasil se mostra abaixo da capacidade de produção sustentada das florestas de produção existentes (vide figura 2.07). Isso indica que, em princípio, existe ainda espaço para o crescimento sustentado da indústria florestal no país.

Figura 2.07.
Capacidade da Produção Sustentada das Florestas de Produção no Brasil vis-à-vis a Produção de Madeira para Uso Industrial



Atualmente, a produção brasileira de madeira para uso industrial representa pouco mais da metade da capacidade de produção sustentada das florestas de produção existentes no país. Tal diferença é mais acentuada em se considerando as florestas nativas. A produção de madeira nativa para uso industrial representa apenas 1/5 da capacidade de produção das florestas de produção nativas. Por outro lado, em se tratando de florestas plantadas, a produção de madeira para uso industrial se mostra bastante próxima da capacidade de produção sustentada, o que pode comprometer a ampliação da indústria florestal no país. Para determinados produtos, como por exemplo, madeira de pinus, a situação é mais crítica, uma vez que os níveis de produção estão acima da capacidade de produção sustentada, comprometendo os estoques futuros. É o que muitos têm chamado de "apagão florestal". A tendência é que esse déficit aumente rapidamente nos próximos anos, uma vez que a expansão da área florestal não está acompanhando o ritmo de crescimento da demanda. Isso, sem dúvida, traz implicações e suscita dúvidas quanto a sustentabilidade de indústria florestal brasileira. Em virtude de sua importância e complexidade, o assunto é tratado de forma mais aprofundada posteriormente neste documento.



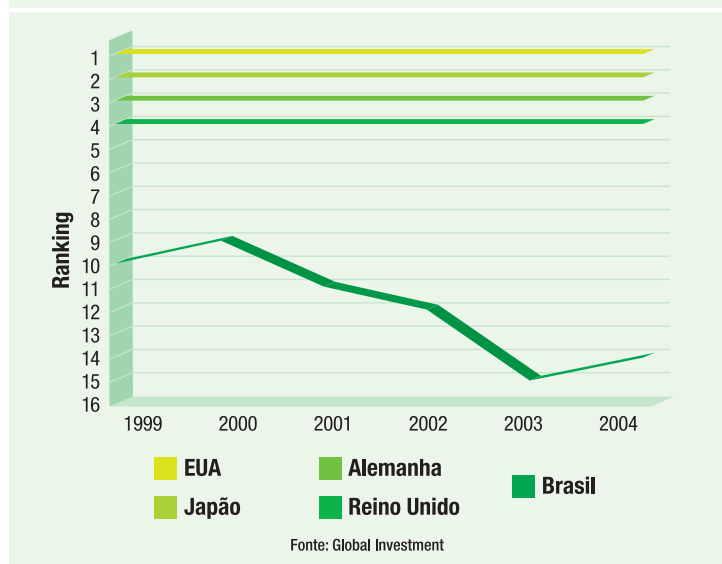
3

A Importância da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente

3.1. Economia Brasileira

O Brasil figura como uma das principais economias mundiais. Em 2004, o Brasil passou a ocupar a 14ª posição no ranking das maiores economias mundiais frente a 15ª colocação em 2003 (vide figura 3.01). De qualquer maneira, cabe observar que desde o final da década de 90, o Brasil vem perdendo posições para economias emergentes, como por exemplo, China, Índia e México.

Figura 3.01.
Evolução do Ranking das Maiores Economias Mundiais



A melhoria do Brasil no ranking das maiores economias mundiais está associado a retomada do crescimento da economia em 2004, quando o PIB brasileiro atingiu USD 605 bilhões. Isso representa um crescimento de 5,2% em relação a 2003. Tal nível de crescimento não era visto desde 1994 (vide figura 3.01) e está atrelado ao reaquecimento do mercado doméstico, além da excelente *performance* das exportações. No entanto, é importante observar que durante os últimos anos o PIB brasileiro tem crescido bastante abaixo da média mundial (vide figura 3.02). Se comparado com o crescimento das economias emergentes, a taxa de crescimento do PIB brasileiro ainda é bastante reduzida.

O PIB brasileiro está predominantemente concentrado no setor terciário (serviços). Tomando como base dados de 2004, o setor terciário representa 54% do PIB nacional, seguido pelo setor secundário (indústria) que responde por 37%. O setor primário (agropecuária) representa apenas 9% do PIB brasileiro.

Figura 3.02.
Evolução do Crescimento do PIB Brasileiro (1996–2004)

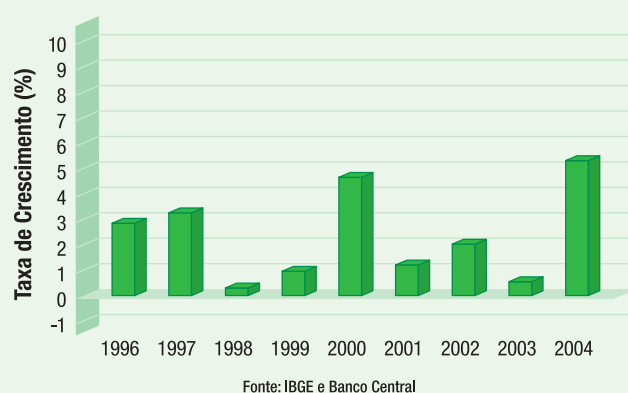
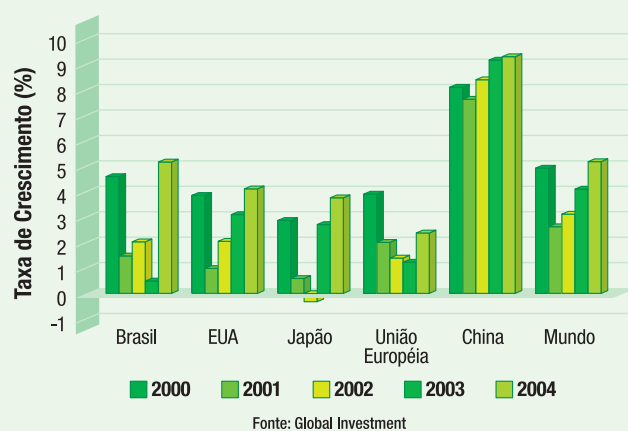


Figura 3.03.
Evolução da Taxa de Crescimento do PIB de Economias Selecionadas (2000–2004)



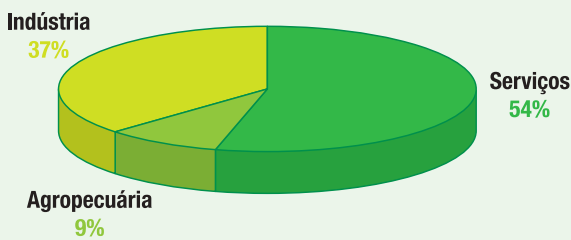
A indústria foi o setor da economia brasileira que obteve maior crescimento em 2004 (6,2%), impulsionada pela indústria de transformação (7,7%) e pela indústria da construção civil. O setor industrial apresentou um desenvolvimento tão acelerado, de tal forma, que a capacidade instalada da indústria brasileira permaneceu em níveis elevados em 2004 alcançando, inclusive, sua capacidade de produção máxima em alguns segmentos.

A agropecuária apresentou o segundo maior crescimento entre os setores da economia, sendo que seu desempenho foi marcado pela *performance* de vários produtos que se sobressaíram em 2004, particularmente a soja e as carnes.

O setor de serviços, em menor percentual, também apresentou um

crescimento relevante em 2004 se comparado a 2003. O maior destaque foi para o comércio atacadista e varejista.

Figura 3.04. Participação dos Setores da Economia no PIB Nacional (2004)



Sem dúvida nenhuma, o crescimento da economia brasileira foi impulsionado pelas exportações. Em 2004, as exportações brasileiras cresceram 32% em relação a 2003, atingindo o montante de USD 96,5 bilhões. Trata-se de uma cifra recorde, o que trouxe um impacto positivo na balança comercial (USD 33,7 bilhões). No mesmo ano, as importações brasileiras atingiram USD 62,8 bilhões.

Figura 3.05. Evolução das Exportações e Importações Brasileiras (1996-2004)



Os principais produtos que contribuíram com a excelente performance das exportações brasileiras em 2004 foram soja, carne, madeira, açúcar e álcool, celulose e papel, entre outros. Quase metade das exportações brasileiras tem sido direcionadas para os EUA e UE, embora a China e os países do Oriente Médio têm ganhado espaço nos últimos anos.

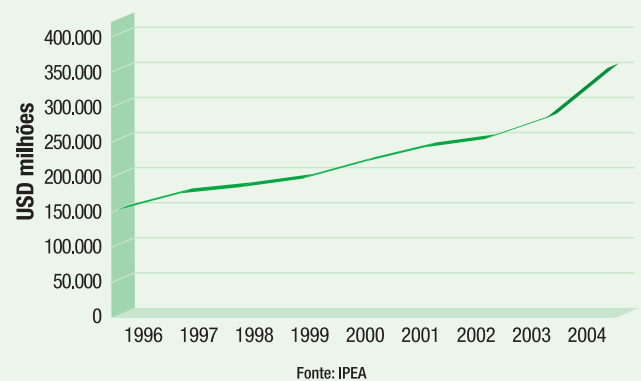
A perspectiva para 2005 é que as exportações brasileiras continuem

aumentando e alcancem USD 112 bilhões, em que pese a valorização do Real frente ao Dólar Americano (USD). Isso tem sido possível em decorrência do forte aumento dos preços de algumas *commodities* no mercado internacional, como por exemplo o aço e o petróleo. Por outro lado, espera-se um forte aumento das importações, reflexo basicamente da desvalorização do Dólar Americano. De qualquer maneira é esperado uma balança comercial superavitária recorde em 2005.

Toda essa dinâmica de acontecimentos culminaram em um forte aumento dos ID (investimentos diretos) no Brasil. Em 2004, os ID alcançaram aproximadamente USD 380 bilhões, predominando os IDD (investimentos domésticos diretos) frente aos IED (investimentos estrangeiros diretos).

Os IDD alavancaram o montante recorde de USD 350 bilhões em 2004, o que representa um aumento de quase 30% em relação a 2003 (vide figura 3.06). Um dos fatores indutores para tal crescimento foi o lançamento de um pacote de políticas que concedem desoneração aos investidores internos. Tais medidas objetivam-se a reduzir o custo do investimento, incentivando a aquisição de bens de capital e o crescimento econômico.

Figura 3.06. Evolução dos IDD (Investimentos Domésticos Diretos) no Brasil

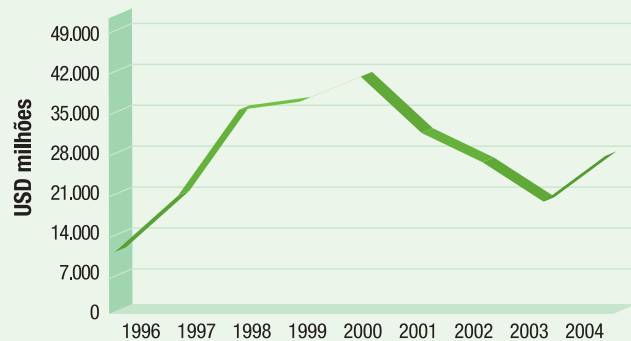


Por sua vez, os IED no Brasil, seguindo uma tendência mundial, têm sofrido uma drástica redução desde 2000, atingindo em 2003 um montante bastante similar ao verificado em 1997 (USD 20 bilhões). Em 2004, os IED voltaram a aumentar, alcançando a cifra de USD 25,7 bilhões. Segundo dados da CEPAL, o Brasil foi o maior receptor de IED da América Latina em 2004. Isso foi reflexo da recuperação econômica do país tornando-se um receptor significativo no contexto estratégico das grandes corporações.

Em 2004, os principais setores de destino do IED foram a indústria alimentícia e de bebidas, telecomunicações, energia e comércio atacadista. Os investimentos

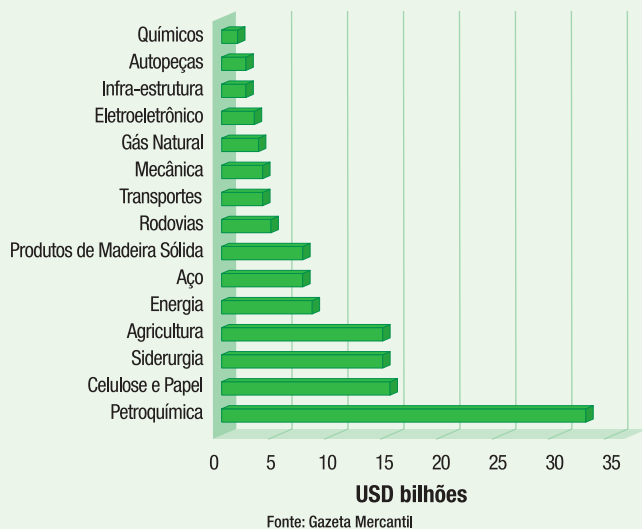
mais recentes concentram-se na aquisição de empresas privadas, principal motivação das grandes empresas a constante busca de novos mercados.

Figura 3.07.
Evolução dos IED (Investimentos Estrangeiros Diretos) no Brasil



Até 2010 estão programados ID (IDD e IED) para o Brasil da ordem de USD 100 bilhões, onde prevalecem aqueles investimentos vinculados a indústria petroquímica, seguida pela indústria de celulose e papel, siderurgia e agricultura.

Figura 3.08.
Investimentos Previstos até 2010 no Brasil



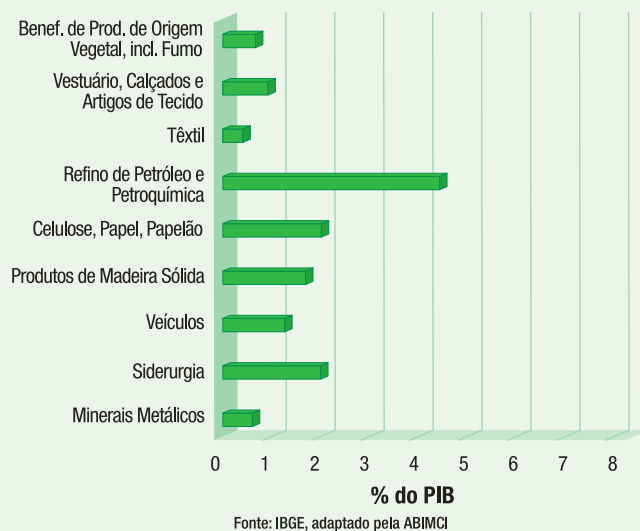
3.2. Importância da Indústria de Madeira Sólida Processada Mecanicamente para a Economia Brasileira

Classificada como indústria de transformação, a indústria de madeira processada mecanicamente em suas múltiplas concepções exerce uma forte influência na economia brasileira, seja através da geração de rendas, impostos e divisas como também postos de trabalho. Poucas são as indústrias de transformação que possuem um efeito multiplicador tão acentuado como apresenta a indústria de madeira processada mecanicamente.

3.2.1. Produção

Em 2004, estima-se que o PIB do setor de base florestal alcançou USD 25 bilhões, o que representa 4,1% do PIB brasileiro neste mesmo ano. A indústria de madeira processada mecanicamente contribuiu com USD 9 bilhões, participando com pouco mais de 1/3 do PIB do setor de base florestal e 1,5% do PIB brasileiro, conforme ilustra a figura 3.09.

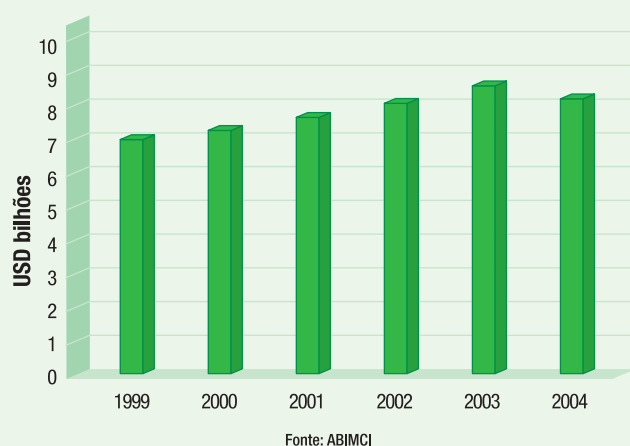
Figura 3.09.
Participação da Indústria de Transformação no PIB do Brasil (2003/2004)



3.2.2. Receita Gerada e Impostos

Estima-se que a receita gerada pela indústria de produtos de madeira processada mecanicamente alcançou USD 8,2 bilhões em 2004. Trata-se de uma redução de 3,5% em relação ao ano anterior (2003), reflexo basicamente da desvalorização do Dólar Americano. Para 2005 a perspectiva é que o faturamento

Figura 3.10.
Evolução da Receita Gerada pela Indústria Brasileira de Madeira Processada Mecanicamente



da indústria brasileira de madeira processada mecanicamente venha cair ainda mais como resultado da contínua desvalorização da moeda americana e a conseqüente diminuição das exportações de produtos de madeira sólida.

Tomando como base a geração de receitas, na tabela 3.01 é apresentada uma estimativa da arrecadação de tributária pela indústria de madeira processada mecanicamente no Brasil. O setor de base florestal como um todo respondeu por uma arrecadação tributária da ordem de USD 4,7 bilhões em 2004, o que significa 2,1% do total de impostos arrecadados pelo governo brasileiro no mesmo ano. Isoladamente, a indústria brasileira de produtos de madeira sólida arrecadou USD 2,2 bilhões no mesmo período, respondendo por quase metade do total recolhido pelo setor de base florestal e por 1,0% do total arrecadado pelo país.

Tabela 3.01.
Estimativa da Arrecadação Tributária pela Indústria Brasileira de Madeira Processada Mecanicamente (2004)

INDÚSTRIA	Arrecadação Tributária (USD bilhões)	%
Indústria de Base Florestal	4,7	2,1
Indústria de Madeira Sólida	2,2	1,0
TOTAL BRASIL	223	100,0

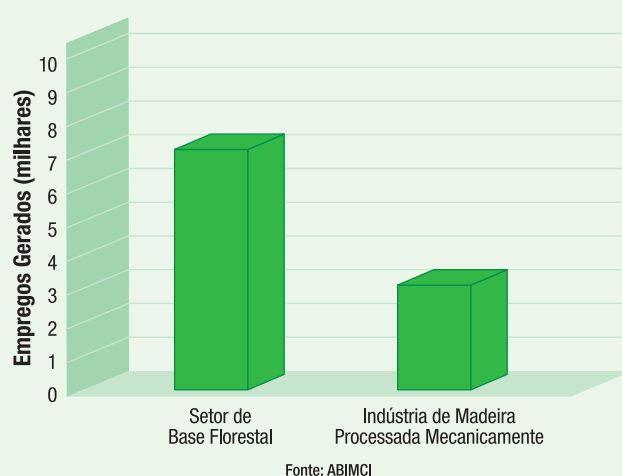
Fonte: IBPT, adaptado pela ABIMCI

3.2.3. Empregos

O setor de base florestal é, sem dúvida, um dos principais segmentos da economia brasileira geradores de emprego. Estima-se que a cadeia produtiva do setor de base florestal gera algo em torno de 6,5 milhões de empregos diretos e indiretos. Isso representa 7,4% da PEA do Brasil em 2004, o que demonstra uma forte contribuição sócio-econômica para o país.

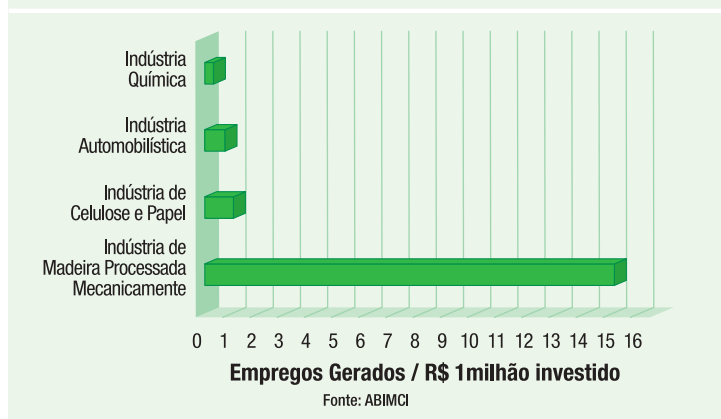
A indústria de madeira processada mecanicamente é a maior fonte de geração de empregos no setor de base florestal, ocupando também posição de destaque como gerador de postos de trabalho na indústria de transformação em geral (vide figura 3.11). Estima-se que a indústria de madeira processada mecanicamente tenha gerado 2,5 milhões de postos de trabalho (diretos e indiretos) em 2004.

Figura 3.11.
Número de Empregos (Diretos e Indiretos) Gerados pelo Setor de Base Florestal e na Indústria de Madeira Processada Mecanicamente



Comparando a capacidade de geração de empregos entre diferentes tipos de indústria de transformação, novamente evidencia-se a importância da indústria de madeira processada mecanicamente. Estudos conduzidos pela ABIMCI indicam que para cada R\$ 1 milhão investido pela indústria de madeira processada mecanicamente no Brasil são gerados entre 10 e 20 postos de trabalho, enquanto que a indústria automobilística, por exemplo, para cada R\$ 1 milhão investido gera menos de um posto de trabalho (vide figura 3.12).

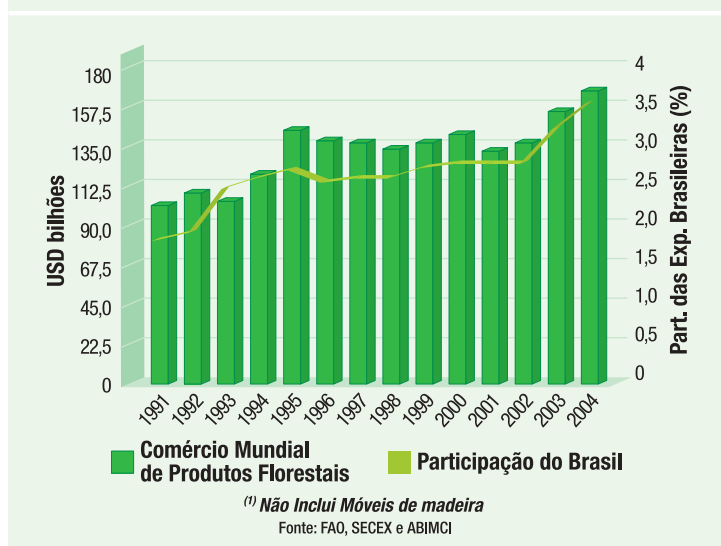
Figura 3.12.
Capacidade de Geração de Empregos pela Indústria de Madeira Processada Mecanicamente



3.2.4. Comércio Exterior

Nos últimos anos, o Brasil vem ganhando espaço no mercado internacional de produtos florestais. No início da década de 90, a participação do Brasil nas exportações mundiais não ultrapassava 1,7%. Em 2004, o Brasil contribuiu com quase 4% das exportações

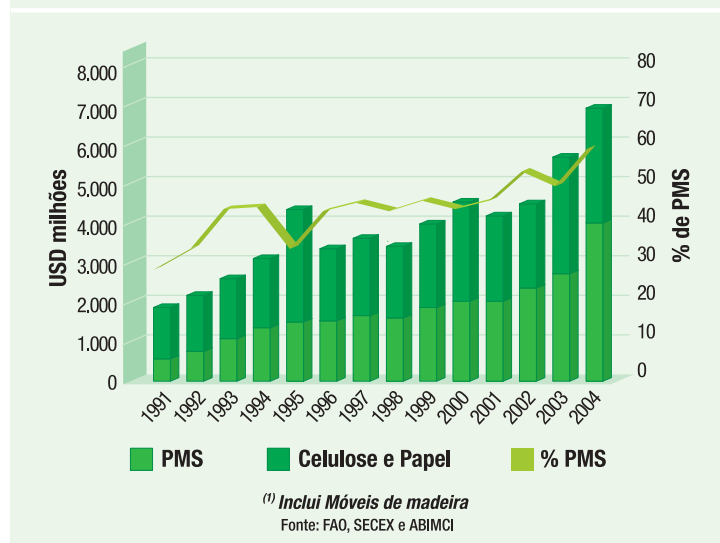
Figura 3.13.
Evolução da Participação das Exportações Brasileiras no Comércio Internacional de Produtos Florestais⁽¹⁾



mundiais de produtos florestais. Isso reflete basicamente o forte crescimento das exportações brasileiras (vide figura 3.13). Entre 1991 e 2004 a taxa média de crescimento do comércio internacional de produtos florestais atingiu 4,2% aa, enquanto que, no mesmo período, a taxa de crescimento das exportações brasileiras de produtos florestais alcançou 11,1% aa.

Recentemente, os produtos de madeira sólida passaram a ocupar posição de destaque na pauta das exportações brasileiras. Até o final da década de 90 predominavam as exportações de celulose e papel frente aos produtos de madeira sólida. Em 1991, as exportações brasileiras de produtos florestais atingiram a cifra de USD 1,7 bilhões, sendo 74% (USD 1,2 bilhões) celulose e papel, enquanto que os restantes 26% (USD 0,5 bilhões) foram produtos de madeira sólida (PMS). Tal situação se inverteu totalmente e em 2004 os produtos de madeira sólida passaram a contribuir com 57% (USD 3,9 bilhões) das exportações brasileiras de produtos florestais, enquanto que celulose e papel responderam por apenas 43% (USD 2,9 bilhões). As exportações brasileiras de produtos florestais atingiram o montante recorde de USD 6,8 bilhões em 2004 (vide figura 3.14).

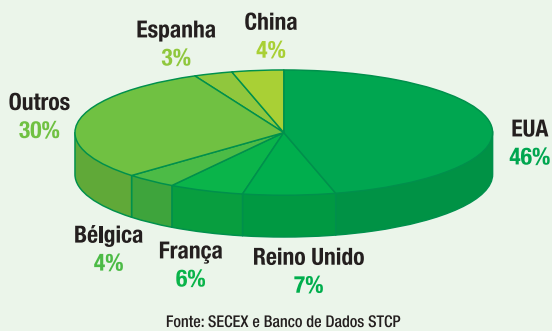
Figura 3.14.
Evolução das Exportações Brasileiras de Produtos Florestais⁽¹⁾



Tradicionalmente, as exportações de produtos florestais estão orientadas basicamente para os EUA e a UE, particularmente quando se tratam de produtos de madeira sólida. Tomando como base dados de 2004,

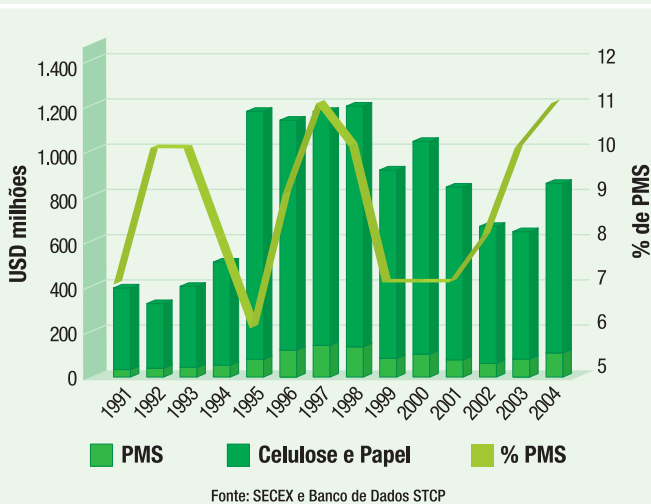
predominam as exportações para os países do NAFTA, notadamente os EUA, e da UE, particularmente Reino Unido, França, Bélgica e Espanha (vide figura 3.15). No entanto, é importante mencionar o forte crescimento do mercado asiático, especialmente o Japão e, mais recentemente, a China.

Figura 3.15.
Destino das Exportações Brasileira de Produtos de Madeira Sólida



As importações brasileiras de produtos florestais são pouco significativas frente ao montante exportado. Em 2004, as importações de produtos florestais atingiram USD 840 milhões. Prevaecem as importações de papel (papel imprensa e papéis especiais). As importações de produtos de madeira

Figura 3.16.
Evolução das Importações Brasileiras de Produtos Florestais



sólida contribuem com apenas 10% (USD 82 milhões) das importações brasileiras de produtos florestais (vide figura 3.16).

Sem dúvida nenhuma, o setor de base florestal, em especial, a indústria de madeira processada mecanicamente exerce uma importante influência na balança comercial brasileira. Tomando como base os dados de 2004, as exportações brasileiras de produtos florestais em geral responderam por 7% das exportações totais brasileiras, sendo que isoladamente os produtos de madeira contribuíram com 4%. Por outro lado, as importações de produtos florestais são pouco significativas (0,8%) e menos expressivas ainda quando se tratam de produtos de madeira sólida (0,2%). Ainda considerando dados de 2004, os produtos florestais contribuíram com um superávit de 17,8% (USD 6 bilhões) na balança comercial brasileira, sendo que os produtos de madeira sólida participaram com 11,3% (USD 3,8 bilhões), conforme ilustrado na tabela 3.02.

Tabela 3.02.
Importância dos Produtos de Madeira Sólida para a Balança Comercial Brasileira (2004)

BALANÇA COMERCIAL	PMS		Setor de Base Florestal		Total	
	USD bilhões	%	USD bilhões	%	USD bilhões	%
Exportações	3,9	4,0	6,8	7,0	96,5	100,0
Importações	0,1	0,2	0,8	1,3	62,8	100,0
SALDO	3,8	11,3	6	17,8	33,7	100,0

Fonte: SECEX e Banco de Dados STCP

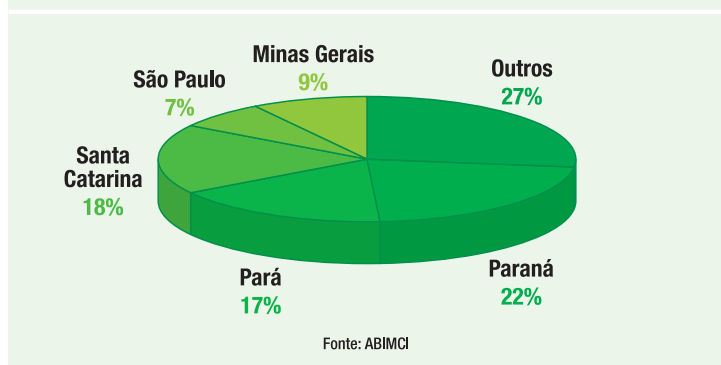
3.2.5. Investimentos

O setor de base florestal brasileiro tem programado até 2014 investimentos que chegam a USD 20 bilhões. Poucos são os setores da economia nacional onde os investimentos previstos alcançam montantes de tal magnitude.

Estima-se que USD 6 bilhões estão vinculados a indústria de madeira processada mecanicamente, o que representa aproximadamente 30% do investimento previsto para o setor de base florestal até 2014. Análises apontam uma predominância dos IDD (80%) frente aos IED (20%).

Os investimentos previstos pela indústria de madeira processada mecanicamente estão basicamente concentrados nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Pará (vide figura 3.17).

Figura 3.17.
Distribuição dos Investimentos Previstos pela Indústria de Madeira Processada Mecanicamente no Brasil (2005–2014)



3.2.6. Síntese da Importância Sócio-Econômica da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente

Na tabela 3.03 são apresentados os principais indicadores sócio-econômicos da indústria brasileira de madeira processada mecanicamente.

Os indicadores sócio-econômicos apresentados demonstram claramente a relevância da indústria de madeira processada mecanicamente para o desenvolvimento do Brasil. A importância da indústria de madeira processada mecanicamente extrapola a simples contribuição para o crescimento da economia do país, pois proporciona

benefícios sociais como geração de empregos, fixação do homem em zonas rurais, entre outros, além de benefícios ambientais através do aproveitamento sustentado dos recursos florestais.

Tabela 3.03.
Indicadores Sócio-Econômicos da Indústria de Produtos de Madeira Processada Mecanicamente (2004)

INDICADOR	Setor de Base Florestal	Indústria de Madeira Processada Mecanicamente
PIB	USD 25 bilhões (4,1% do PIB nacional)	USD 9 bilhões (1,5% do PIB nacional)
PEA (empregos)	USD 6,5 bilhões (7,4% do PEA nacional)	USD 2,5 bilhões (2,9% do PEA nacional)
Arrecadação Tributária	USD 4,7 bilhões (4,1% do total da arrecadação nacional)	USD 2,2 bilhões (1% do total da arrecadação nacional)
Exportação	USD 6,8 bilhões (7% do total da exportação nacional)	USD 3,9 bilhões (4% do total da exportação nacional)
Superávit	USD 6,0 bilhões (17,8% do superávit nacional)	USD 3,8 bilhões (11,3% do superávit nacional)
Investimentos Anunciados	USD 20 bilhões (20% do total anunciado para o país)	USD 6 bilhões (6% do total anunciado para o país)

Fonte: ABIMCI



4

Mercado de Produtos de Madeira Sólida

4.1. Compensado

4.1.1. Aspectos Gerais

O compensado é obtido a partir da colagem de lâminas de madeira sobrepostas em número ímpar de camadas formando um ângulo de 90° entre as camadas.

Existem basicamente dois tipos de compensado: multilaminado e sarrafeado. O compensado multilaminado é composto exclusivamente por lâminas de madeira, enquanto que o compensado sarrafeado é formado por sarrafos (miolo) e lâminas coladas perpendicularmente aos sarrafos.

O compensado pode ser utilizado em diversas aplicações, principalmente no segmento de embalagens, móveis, construção civil, etc.

Atualmente, no Brasil existem pouco mais de 200 fábricas de compensado em operação, as quais detêm em conjunto uma capacidade de produção instalada total da ordem de 4 milhões de m³ anuais. Nos últimos anos, a indústria de compensado tem investido em modernização de forma a aumentar os níveis de produção e garantir a competitividade no mercado internacional.

4.1.2. Produção e Consumo

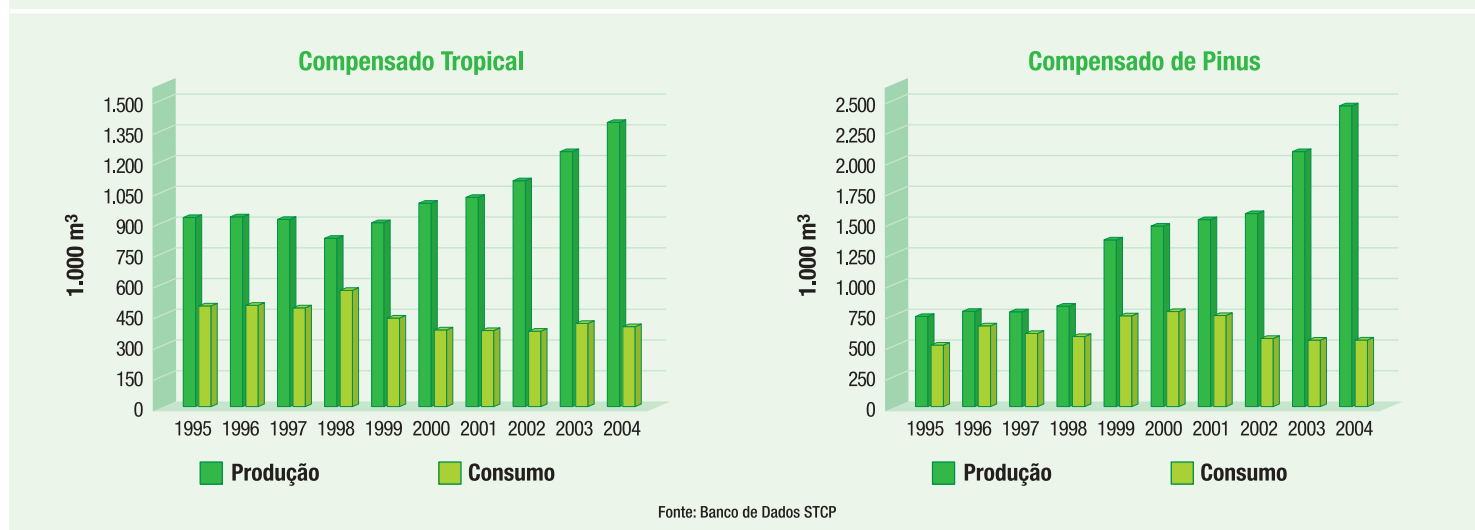
A produção brasileira de compensado têm crescido de forma bastante acentuada desde a última década, alcançando o volume recorde de 3,8 milhões de m³ em 2004 (vide figura 4.01). Tal crescimento está associado basicamente ao excelente desempenho das exportações.

Até meados da década de 90 predominava a produção de compensado tropical frente ao compensado de pinus. Após a crise asiática de 1997, o compensado de pinus passou a ocupar posição de destaque e atualmente contribui com 2/3 da produção nacional. Em 2004, a produção

de compensado tropical atingiu 1,4 milhões de m³, enquanto que a produção de compensado de pinus alcançou 2,4 milhões de m³.

A produção brasileira de compensado está predominantemente orientada para exportação. Nos últimos anos, o que se observa é uma redução nos níveis de consumo de compensado no mercado doméstico, dada a forte competição que o produto vem sofrendo dos painéis reconstituídos, particularmente o aglomerado, o MDF e, mais recentemente, o OSB.

Figura 4.01.
Produção e Consumo de Compensado no Brasil (1995–2004)



4.1.3. Comércio Internacional

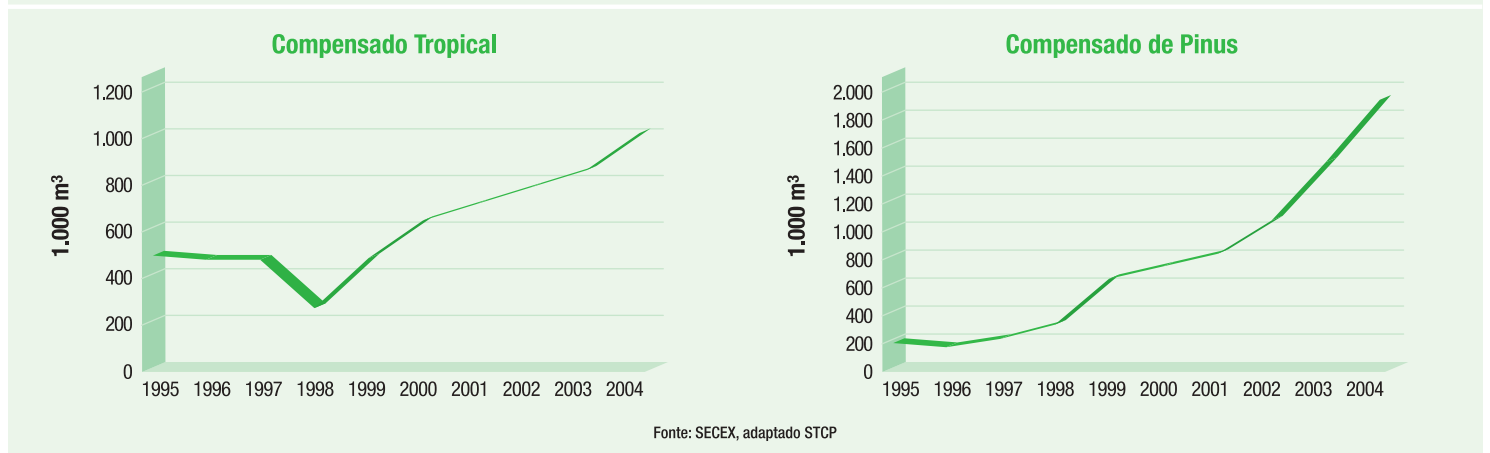
Exportação

Desde finais da década de 90 tem se verificado um aumento dos volumes de compensado exportados pelo Brasil. A taxa média de crescimento das exportações brasileiras de compensado foi de 14,5% aa durante os últimos 10 anos. Maiores taxas de crescimento foram observadas para o compensado de pinus (28,3% aa) em comparação com o compensado tropical (5,7% aa).

Em 2004, o Brasil exportou 2,9 milhões de m³, sendo 1,9 milhão de m³ compensado de pinus (65%) e 1 milhão de m³ compensado tropical (35%), conforme pode ser observado na figura 4.02.

As exportações de compensado têm sido impulsionadas pela forte demanda internacional aliada ao preço competitivo e qualidade do produto nacional. A qualidade do produto brasileiro tem sido garantido através do PNQM, promovido pela ABIMCI.

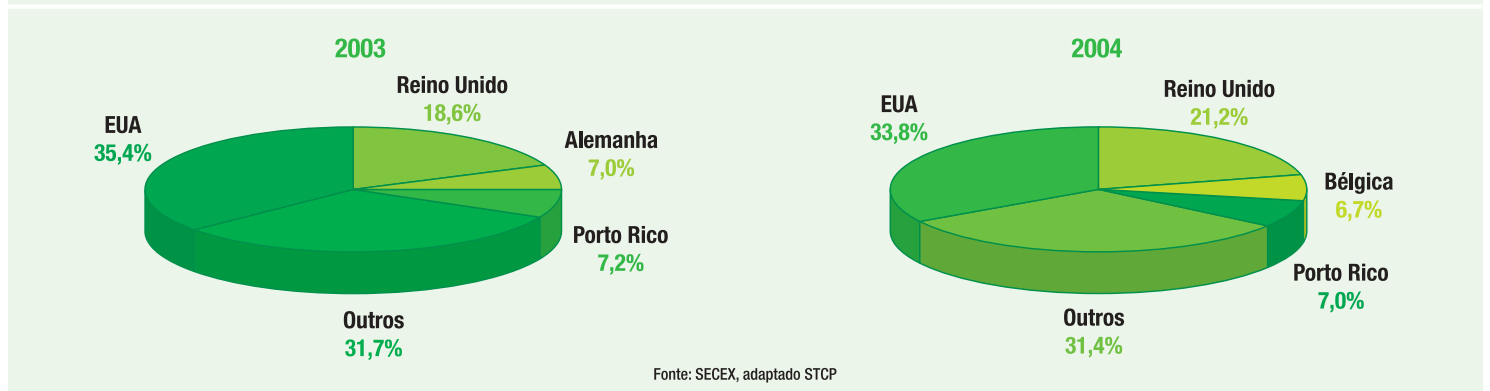
Figura 4.02. Exportações Brasileiras de Compensado (1995–2004)



Os principais destinos das exportações brasileiras de compensado tropical são, em ordem de importância, os EUA, Reino Unido, Porto Rico,

Bélgica e Alemanha. Juntamente, os EUA e o Reino Unido absorvem pouco mais da metade das exportações brasileiras (vide figura 4.03).

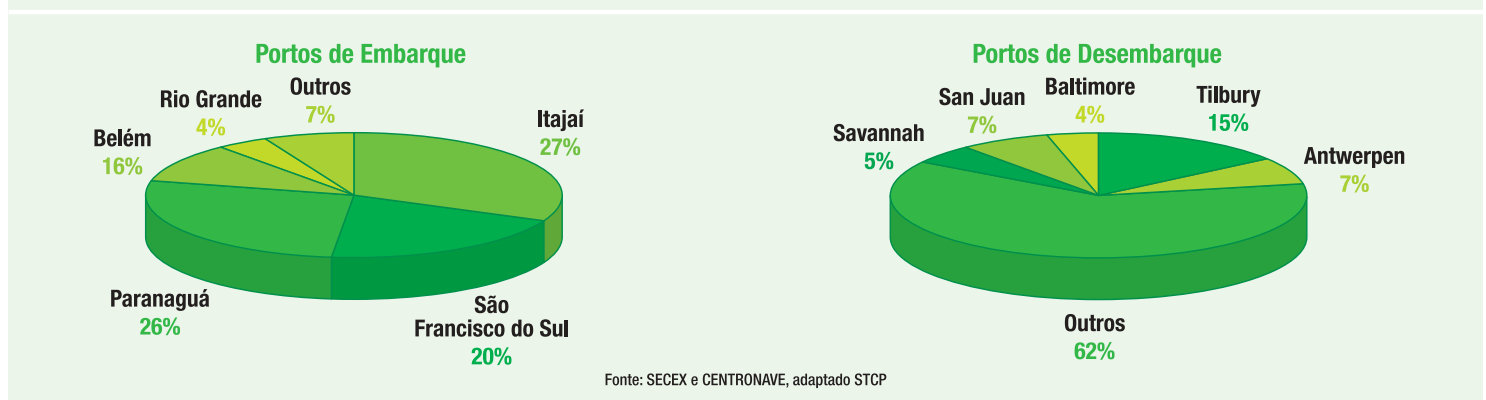
Figura 4.03. Principais Destinos das Exportações Brasileiras de Compensado Tropical (2003–2004)



Os principais portos brasileiros embarcadores de compensado tropical são os portos de Itajaí, Paranaguá e São Francisco do Sul. Em que pese a produção

de compensado tropical estar concentrada na região norte do país observa-se que, as exportações através do porto de Belém são pouco significativas.

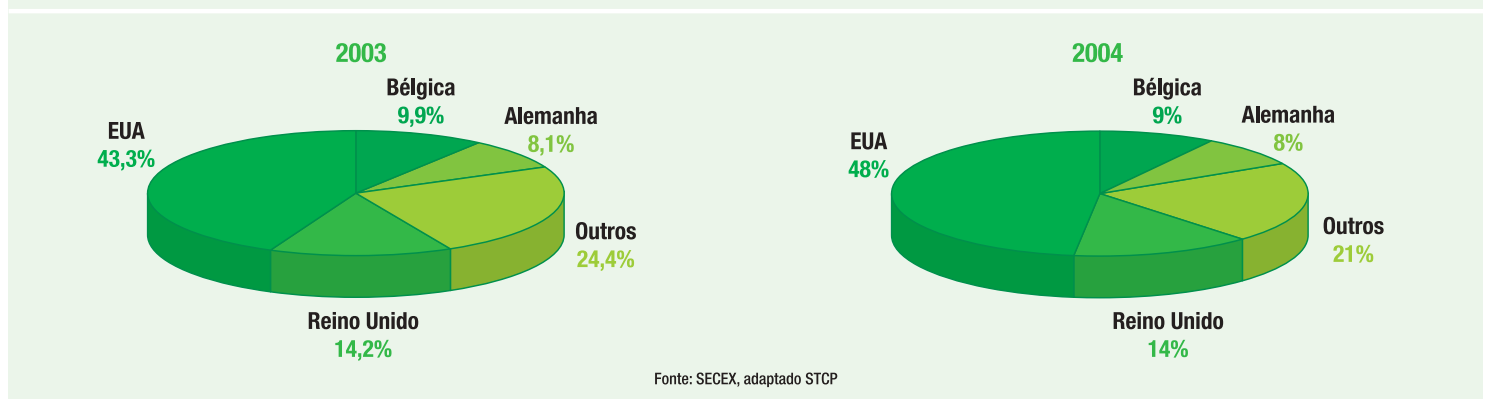
Figura 4.04.
Principais Portos de Embarque e Desembarque das Exportações Brasileiras de Compensado Tropical (2004)



Por sua vez, os principais portos de desembarque do compensado tropical brasileiro são os portos de Tilbury (Reino Unido), Antwerpen (Bélgica), San Juan (Porto Rico) e Savannah (EUA).

importadores do produto brasileiro são os EUA, Reino Unido, Alemanha e Bélgica. Novamente, os EUA e o Reino Unido despontam como os principais países importadores do compensado brasileiro, respondendo por quase 2/3 das exportações verificadas em 2004.

Figura 4.05.
Principais Destinos das Exportações Brasileiras de Compensado de Pinus (2003–2004)

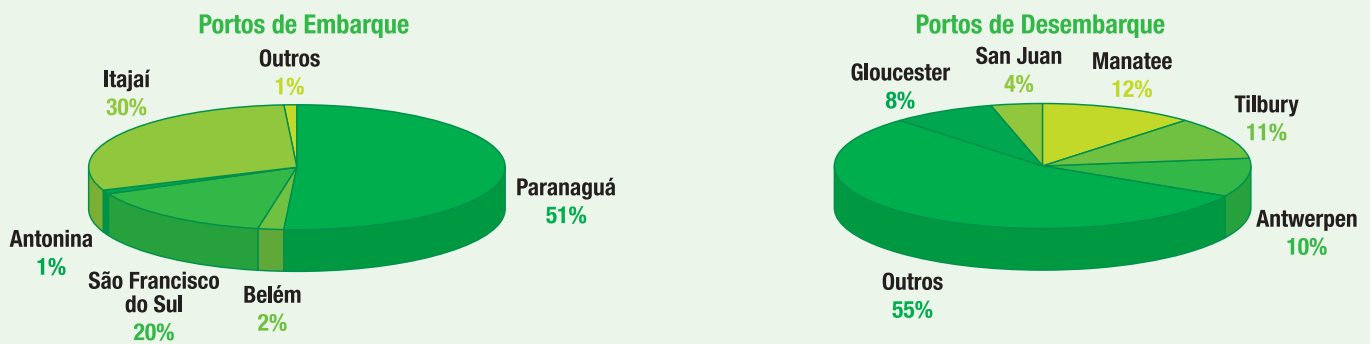


Analisando os destinos das exportações de compensado de pinus, em 2004, observa-se que os EUA aumentaram sua participação em aproximadamente 5% em relação às exportações efetuadas pelo Brasil em 2003. Quanto aos demais países importadores, todos mantiveram seus níveis de participação relativamente estáveis em relação a 2003.

Tomando como base os dados de 2004, o porto de Paranaguá foi o principal porto de embarque do compensado de pinus brasileiro, seguido pelo porto de Itajaí e São Francisco, conforme ilustra a figura 4.06.

Os principais portos de desembarque do compensado de pinus brasileiro são os portos de Manatee (EUA), Tilbury (Reino Unido), Gloucester (EUA) e Antwerpen (Bélgica).

Figura 4.06.
Principais Portos de Embarque e Desembarque das Exportações Brasileiras de Compensado de Pinus (2004)



Importação

As importações brasileiras de compensado são inexpressivas frente ao volume consumido no mercado doméstico. Tradicionalmente, as importações

brasileiras de compensado dificilmente ultrapassam 4.000 m³ anuais. Trata-se, na maioria das vezes, de produtos para aplicações especiais, como por exemplo o compensado decorativo.

4.2. Madeira Serrada

4.2.1. Aspectos Gerais

A madeira serrada é obtida por meio do desdobro de toras em serras, o que caracteriza a transformação primária da madeira. Dependendo do seu formato e dimensão, a madeira serrada apresenta diferentes denominações, tais como: vigas, tábuas, pranchas, pontaletes, sarrafos, ripas e caibros.

Estima-se que existam em operação mais de 10.000 serrarias no Brasil. Trata-se de uma indústria bastante pulverizada, predominando

empresas de pequeno porte. As serrarias de madeira tropical estão concentradas na região norte do país, enquanto que as serrarias de pinus operam basicamente na região sul.

Análises recentes indicam que a quantidade de empresas envolvidas na produção de madeira serrada tem diminuído, enquanto as indústrias remanescentes têm ganho escala e investido em modernização.

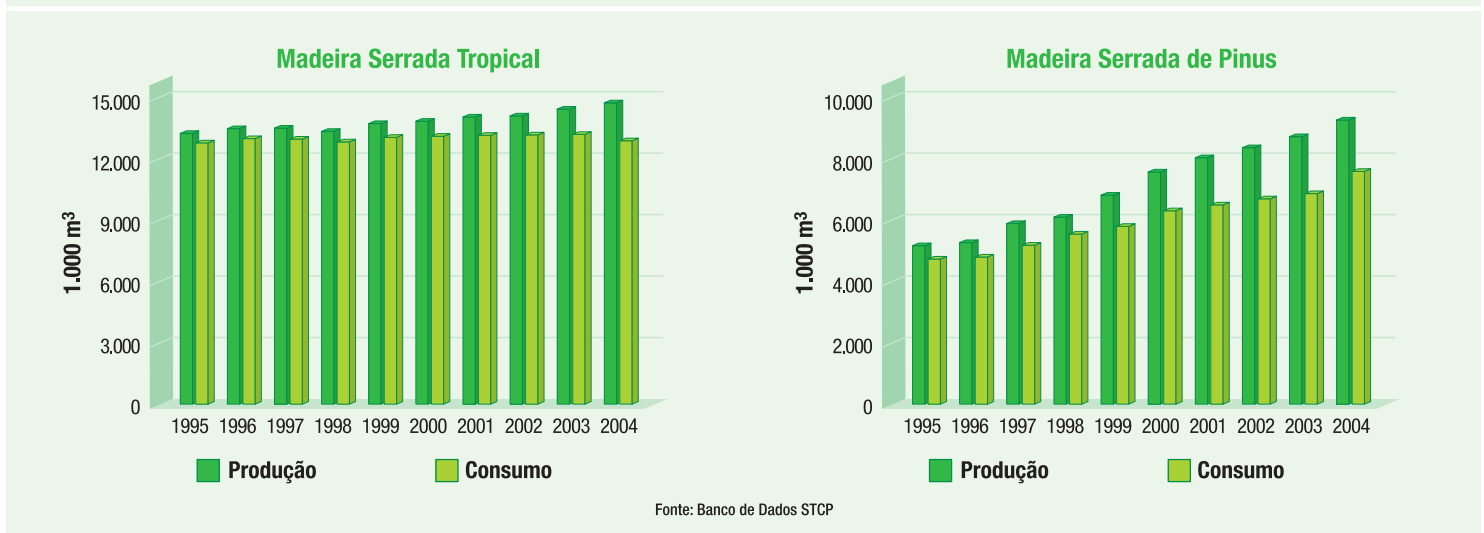
4.2.2. Produção e Consumo

O Brasil figura entre os principais produtores mundiais de madeira serrada. Em 2004, a produção brasileira de madeira serrada atingiu 23,5 milhões de m³, predominando a produção de madeira serrada tropical (14,5 milhões m³) frente a produção de madeira serrada de pinus (9 milhões de m³). Entretanto, os níveis de produção de madeira serrada tropical têm se mantido estáveis ao longo da última década (vide figura 4.07). Enquanto a produção de madeira serrada tropical experimentou taxas de crescimento da ordem de 1,2% aa nos últimos 10 anos, a taxa de crescimento da madeira

serrada de pinus atingiu 6,9% aa no mesmo período. Isso é resultado da maturação dos plantios de pinus implantados durante as décadas de 70 e 80 através do programa de incentivos estabelecidos pelo governo brasileiro.

A maior parte da produção de madeira serrada é consumida no mercado doméstico, uma vez que os volumes exportados são pouco significativos frente a produção nacional. Porém, uma parcela significativa da produção de madeira serrada é exportada através de remanufaturas de madeira (produtos de maior valor agregado).

Figura 4.07.
Produção e Consumo de Madeira Serrada no Brasil (1995–2004)



4.2.3. Comércio Internacional

Exportação

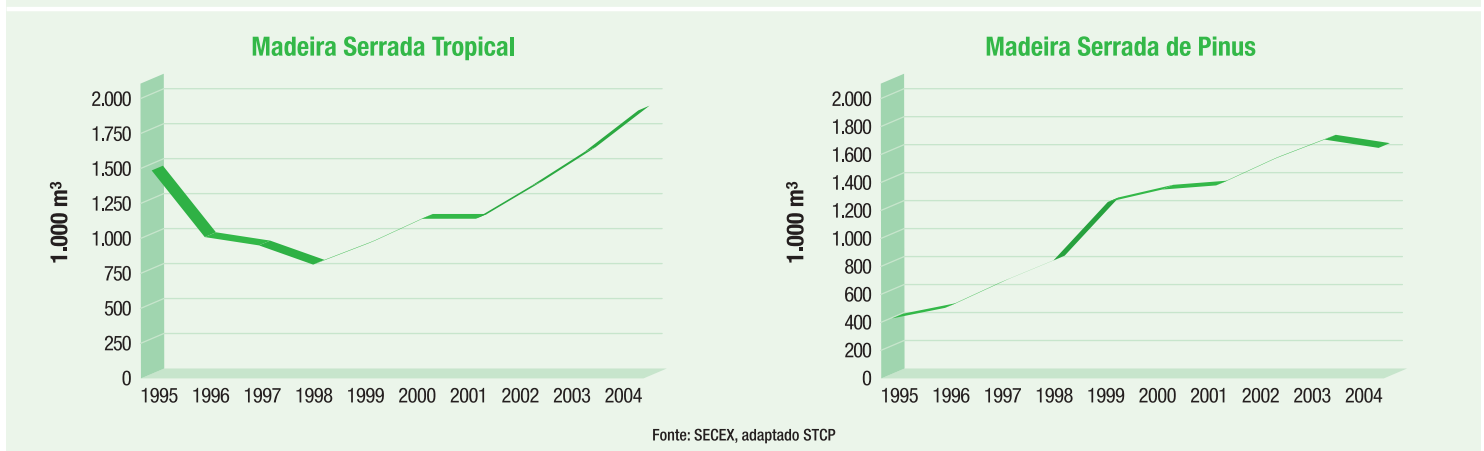
Os volumes de madeira serrada exportados pelo Brasil são pequenos frente ao volume produzido. Em 2004, as exportações brasileiras de madeira serrada alcançaram 3,5 milhões de m³ (vide figura 4.08), o que representa somente 15% da produção nacional.

Apesar da forte redução dos níveis de exportação de madeira serrada tropical verificada a partir da segunda metade da década de 90 como reflexo da crise asiática, o volume de madeira serrada tropical exportada pelo Brasil

aumentou sensivelmente nos últimos anos. Em 2004, as exportações brasileiras de madeira serrada atingiram 1,9 milhões de m³, ultrapassando o volume de madeira serrada de pinus (1,6 milhões de m³).

A perspectiva é que as exportações de madeira serrada, tanto madeira serrada de pinus como madeira serrada tropical, mantenham-se estáveis, ou mesmo, venham cair nos próximos anos. Tal fato está associado à tendência de agregação de valor à madeira serrada através de remanufaturas de madeira.

Figura 4.08.
Exportações Brasileiras de Madeira Serrada (1995–2004)

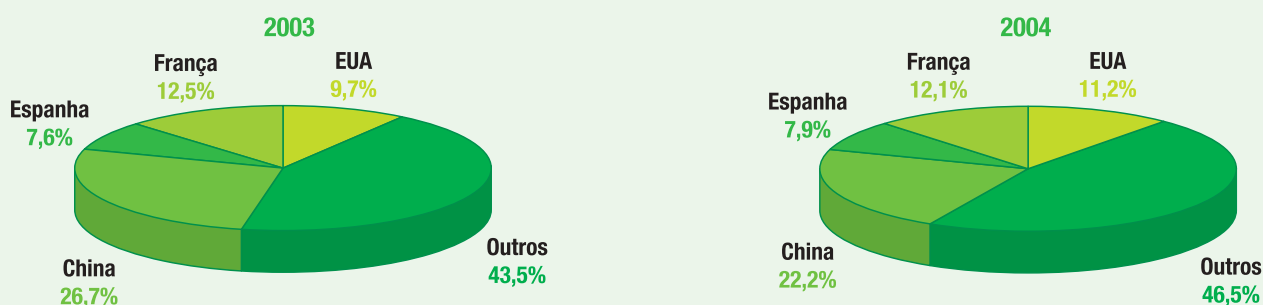


O destino das exportações brasileiras de madeira serrada é bastante diversificado. No caso da madeira serrada tropical, predominam as exportações para China, seguido pelos EUA e UE (França, Espanha, Holanda, Reino Unido, entre outros), conforme ilustra a figura 4.09.

A importação de madeira serrada tropical pela China está associada

à produção de pisos maciços. No entanto, a perspectiva é que as exportações brasileiras de madeiras serrada tropical para China diminuam nos próximos anos, tendo em vista a perspectiva de aumento das exportações brasileiras de pisos maciços (pré-acabado e acabado) para o mercado asiático.

Figura 4.09.
Principais Destinos das Exportações Brasileiras de Madeira Serrada Tropical (2003–2004)



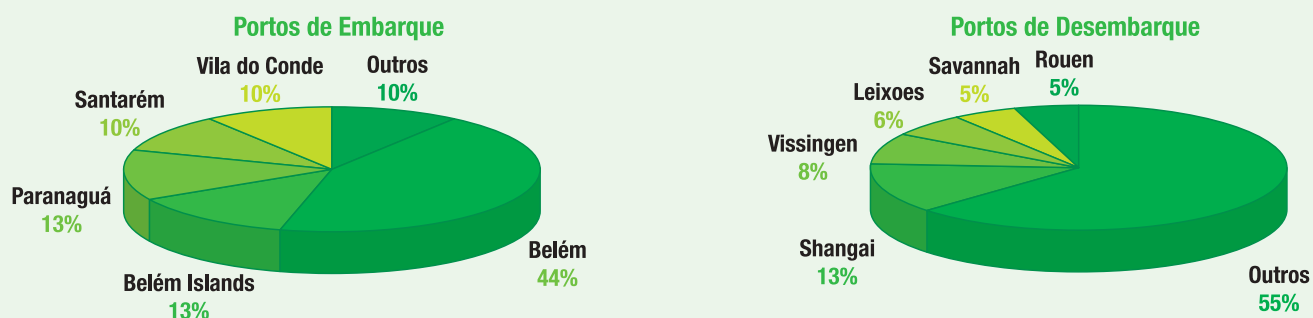
Fonte: SECEX, adaptado STCP

O principal porto de embarque da madeira serrada tropical brasileira é Belém, o qual isoladamente responde por 44% do volume exportado pelo Brasil, tomando como base dados de 2004 (vide figura 4.10). A predominância do porto de Belém se deve basicamente ao fato que a

produção de madeira serrada está concentrada na região norte do país.

Por sua vez, entre os portos de desembarque da madeira serrada tropical brasileira se evidenciam os portos de Shanghai (China), Vlissingen (Holanda) e Leixões (Portugal).

Figura 4.10.
Principais Portos de Embarque e Desembarque das Exportações Brasileiras de Madeira Serrada Tropical (2004)

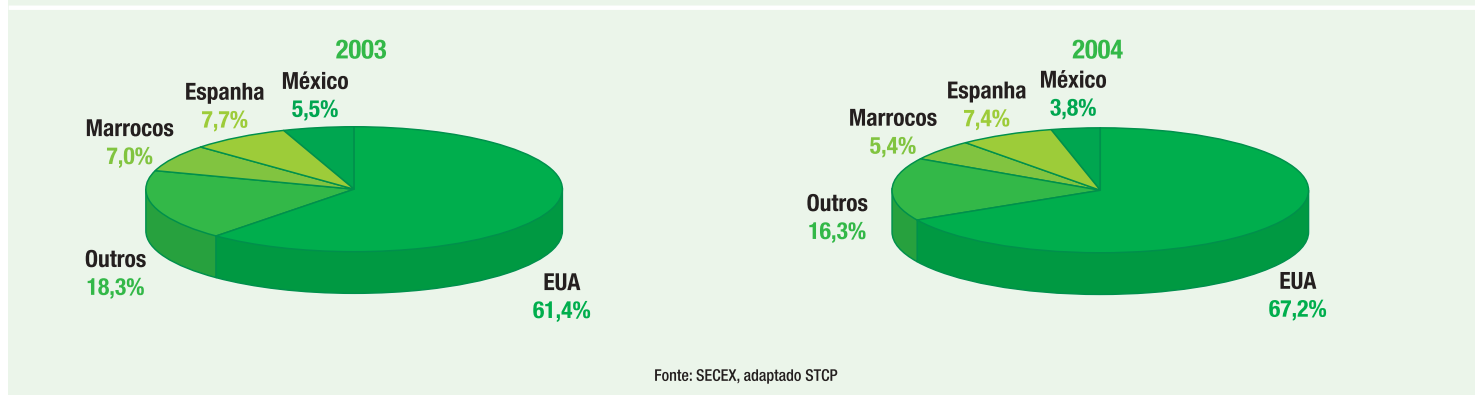


Fonte: SECEX e CENTRONAVE, adaptado STCP

Em se tratando de madeira serrada de pinus predominam as exportações para os EUA, o qual absorve pouco mais de 2/3 do volume

exportado pelo Brasil. Ainda ocupam posição de destaque Espanha, Marrocos e México.

Figura 4.11. Principais Destinos das Exportações Brasileiras de Madeira Serrada de Pinus (2003–2004)

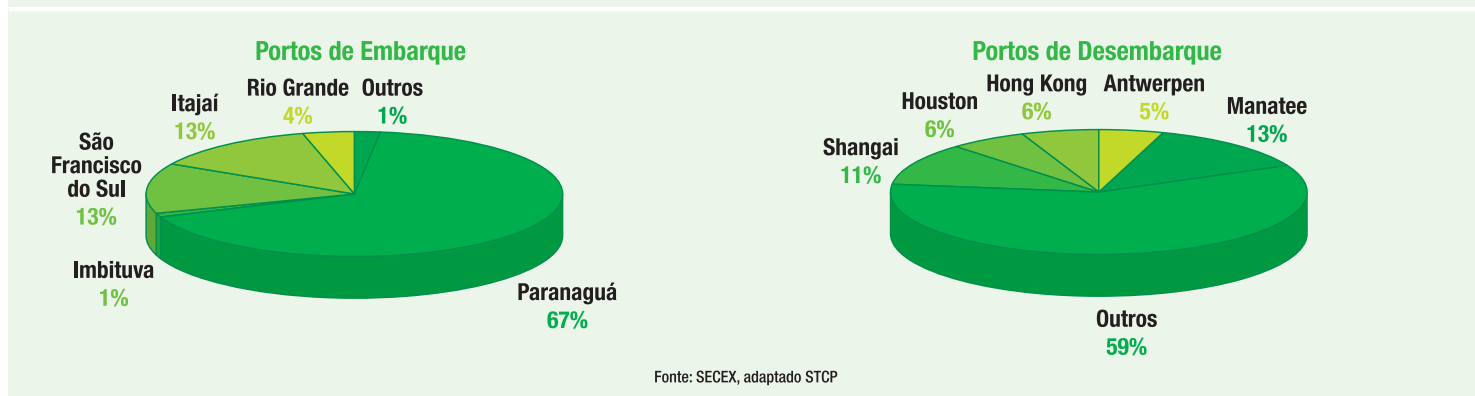


Tradicionalmente, Paranaguá é o principal porto de embarque das exportações brasileiras de madeira serrada de pinus. Em 2004, o porto de Paranaguá embarcou 67% das exportações de madeira serrada de pinus. Os portos de Itajaí e São Francisco do Sul, ambos em Santa Catarina, também são importantes portos de

embarque (vide figura 4.12).

Quanto aos principais portos de destino das exportações brasileiras de madeira serrada de pinus se evidencia Manatee e Houston, ambos nos EUA. Ocupam ainda posição de destaque os portos de Shanghai (China) e Antwerpen (Bélgica).

Figura 4.12. Principais Portos de Embarque e Desembarque das Exportações Brasileiras de Madeira Serrada de Pinus (2004)



Importação

As importações brasileiras de madeira serrada são muito pouco significativas frente ao volume consumido no mercado doméstico. Em 2004, o Brasil importou 130.000 m³ de madeira serrada, sendo 86.000 m³ madeira serrada tropical (66%) e 44 mil m³ madeira serrada de pinus (34%).

No caso da madeira serrada tropical, predominam as importações

provenientes de países vizinhos, notadamente Bolívia e Paraguai. Em se tratando de madeira serrada de pinus, os volumes procedentes da Argentina são crescentes e a perspectiva é que as importações passem a ganhar maior importância nos próximos anos, em virtude de limitações de suprimento a partir de fontes domésticas, particularmente na região sul do país.

4.3. Remanufatura de Madeira (Produtos de Maior Valor Agregado)

4.3.1. Aspectos Gerais

A partir de meados da década de 90, a indústria brasileira de madeira processada mecanicamente tem sofrido um intenso processo de globalização, o qual foi marcado pela orientação da produção para o mercado internacional e pelo movimento dos produtores de madeira serrada e compensado direcionado à agregação de valor para a produção através de remanufaturas de madeira. Isso, sem dúvida nenhuma, garantiu uma maior competitividade para a indústria brasileira de madeira processada mecanicamente.

Dentre as principais remanufaturas de madeira produzidas pelo Brasil pode-se mencionar:

- **Molduras:** são peças perfiladas empregadas quase sempre em acabamentos exteriores e interiores com propósito decorativo na construção civil.
- **EGP:** é a sigla em inglês de *Edge Glued Panel* (Painel Colado Lateral) é caracterizado como sendo um conjunto de peças de madeira coladas lateralmente formando um painel. Os sarrafos utilizados na fabricação podem

apresentar união de topo, a qual pode ser reta ou tipo *finger joint*. Trata-se de um produto amplamente empregado pela indústria moveleira.

- **Portas:** são painéis de madeira que se movimentam por meio de dobradiças ou sobre trilhos com a finalidade de permitir a abertura e o fechamento de paredes que viabilizam entrada ou saída para um determinado ambiente ou local. Diferentes produtos de madeiras são empregados na fabricação de portas, como por exemplo, madeira serrada, compensado, MDF, OSB, chapa dura, entre outros. As portas são classificadas basicamente em dois tipos: maciça e oca.

- **Pisos:** trata-se de um tipo de revestimento aplicado na construção civil. Existem basicamente dois tipos de pisos: maciços e engenheirados. Os pisos maciços são baseados exclusivamente em madeira serrada (assoalho, tábua corrida e parquet), enquanto que os pisos engenheirados são fabricados a partir de diferentes produtos, geralmente serrados, lâminas e painéis de madeira (compensado, aglomerado, MDF, OSB, etc).

4.3.2. Produção e Consumo

• Molduras

A produção de molduras no Brasil é bastante pulverizada em pequenos produtores, porém existem poucos produtores especializados. A indústria de molduras especializada é recente no Brasil e quase exclusivamente orientada para exportação, predominando molduras de pinus tipo *finger joint*.

A evolução da produção nacional de molduras de pinus tipo exportação é apresentada na figura 4.13 e, conforme pode ser observado, os níveis de produção têm aumentado rapidamente nos últimos anos. Isso reflete os elevados investimentos realizados recentemente pelos produtores nacionais e estrangeiros.

Figura 4.13.
Produção e Consumo de Molduras de Pinus no Brasil (1995–2004)



Fonte: Banco de Dados STCP

Os níveis de consumo de molduras de pinus no mercado doméstico são bastante baixos e correspondem a pouco menos de 10% da produção nacional,

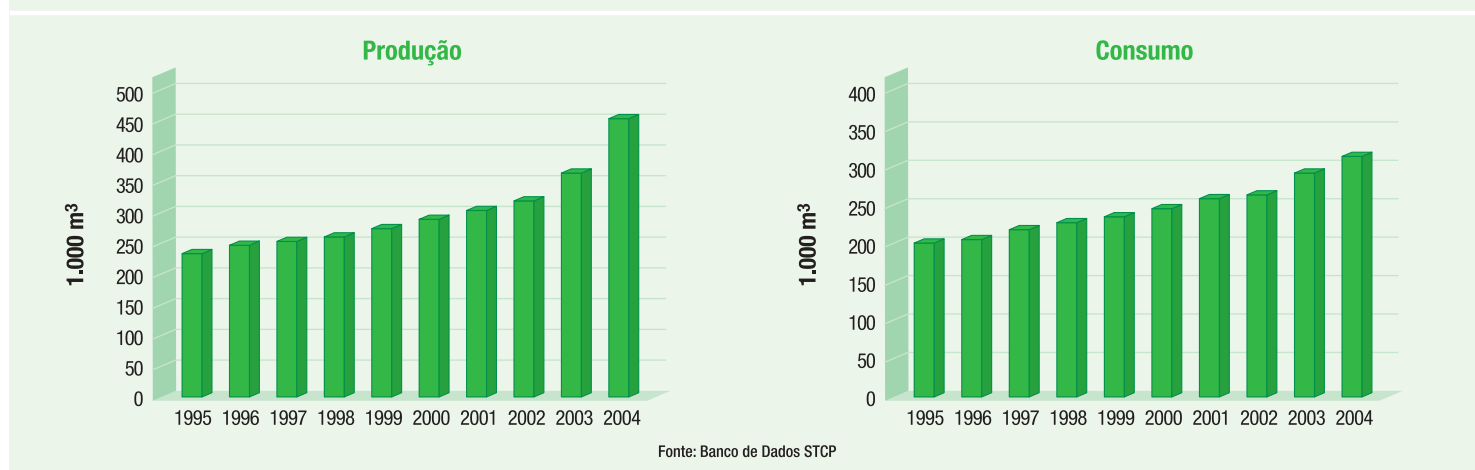
• EGP

O Brasil é um importante produtor mundial de EGP, especialmente de pinus. Estima-se que a produção brasileira de EGP tenha alcançado 450.000 m³ em 2004 (vide figura 4.14). A maior parte da produção está orientada para indústria moveleira nacional, predominando produtores

uma vez que o produto é predominantemente orientado para exportação. Os produtos consumidos no mercado doméstico são, geralmente, *Low grade*.

integrados, ou seja, a indústria moveleira produz EGP para consumo próprio. Na realidade, o crescimento da produção brasileira de EGP tem sido alavancada pelo excelente desempenho da indústria moveleira nacional no mercado internacional.

Figura 4.14.
Produção e Consumo de EGP no Brasil (1995–2004)



• Portas

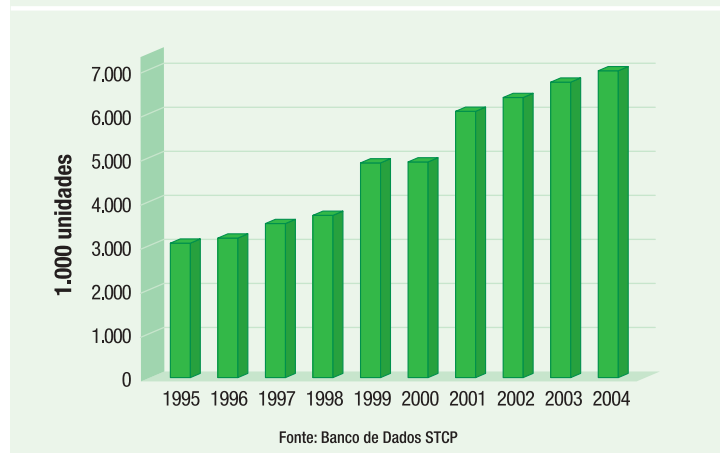
Atualmente, existem em operação no Brasil cerca de 2.000 produtores de portas de madeira, localizados predominantemente nos Estados do Paraná e Santa Catarina. Trata-se de uma indústria bastante pulverizada, onde se evidenciam pequenas e médias empresas. Em que pese a predominância de pequenos e medianos produtores de portas de madeira, estima-se que as 15 maiores indústrias brasileiras de portas de madeira respondam por praticamente metade da produção nacional.

Nos últimos anos, a indústria brasileira de portas de madeira tem sofrido um intenso processo de modernização, reflexo da incorporação de novas tecnologias e adoção de novas matérias-primas. Isso permitiu que a indústria brasileira de portas de madeira aumentasse sua capacidade de produção, bem como sua competitividade no mercado internacional.

Em 2004, a produção brasileira de portas de madeira atingiu 6,9 milhões de unidades (vide figura 4.15). Isso representa 92% da capacidade instalada da indústria brasileira de portas de madeira, a qual é estimada em 7,5 milhões de unidades anuais. O volume de produção atual é bastante significativo, particularmente quando comparado aos volumes produzidos em meados da

década de 90. Nos últimos 10 anos, a produção brasileira de portas mais que duplicou, o que significa uma taxa média de crescimento de 8,9% aa.

Figura 4.15.
Produção Brasileira de Portas de Madeira (1995–2004)



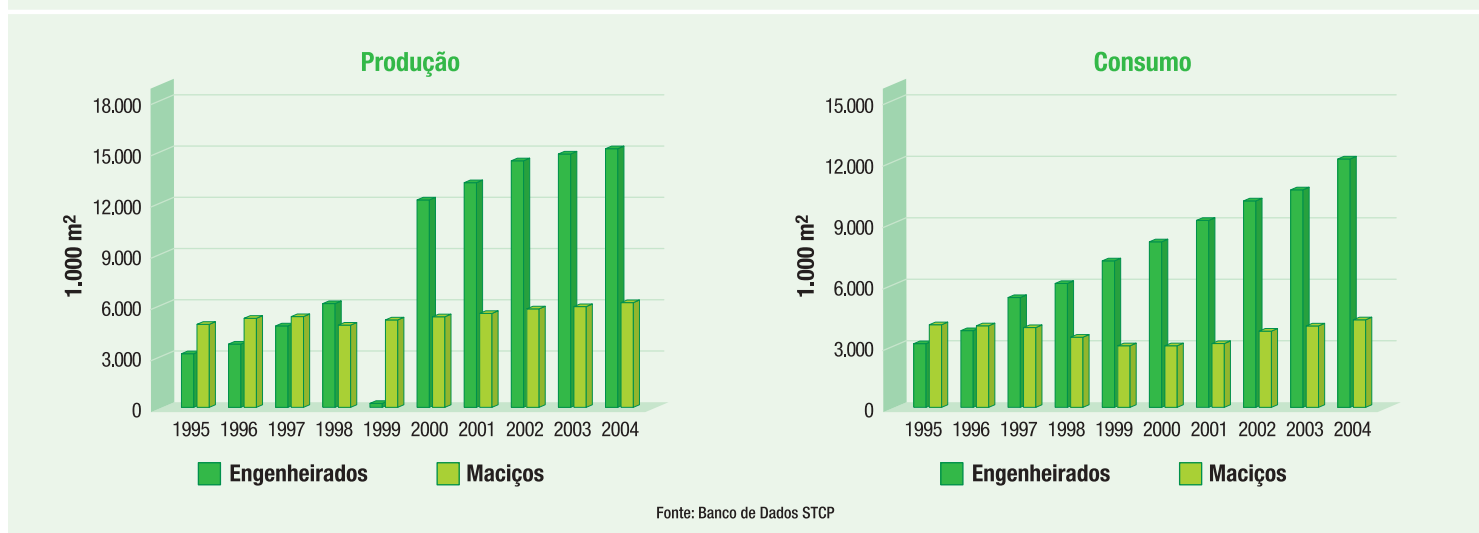
• Pisos

A indústria de pisos de madeira tem experimentado um processo de modernização bastante acentuado durante os últimos anos através da fabricação de novos produtos, especialmente pisos engenheirados, o que tem exigido a incorporação de novas tecnologias.

Estima-se que em 2004 a produção de pisos de madeira tenha alcançado 24 milhões de m² (vide figura 4.16), sendo 18 milhões de m² pisos engenheirados (75%) e 6 milhões de m² pisos maciços (25%). Os

pisos engenheirados passaram a ocupar posição de destaque ao final da década de 90 com uma forte penetração dos pisos laminados no mercado doméstico. Atualmente, a indústria brasileira tem experimentado uma série de investimentos em novas linhas de pisos engenheirados baseados em madeira maciça. Isso tem sido influenciado basicamente pela excelente aceitação do produto no mercado internacional.

Figura 4.16. Produção e Consumo de Pisos de Madeira no Brasil (1995–2004)



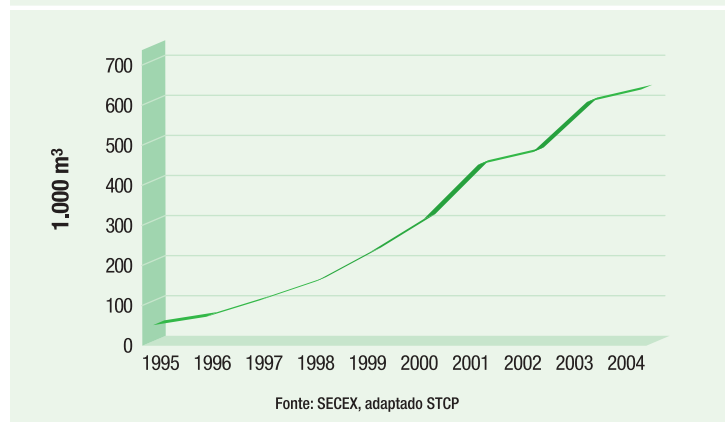
4.3.3. Comércio Internacional

• Molduras

Exportação

As exportações brasileiras de molduras cresceram rapidamente durante os últimos anos. Até meados da década de 90, praticamente inexistiam as exportações de molduras de pinus, a qual realmente tomou impulso a partir de 1998 com forte penetração do produto no mercado norte-americano. Em 2004, as exportações brasileiras de molduras de pinus atingiram o volume recorde de 615.000 m³. No entanto, as perspectivas para 2005 são pouco promissoras tendo em vista a desvalorização do Dólar Americano e a redução do nível de atividade da indústria de construção civil nos EUA. As exportações de molduras devem sofrer uma redução entre 20-30% em 2005.

Figura 4.17. Exportações Brasileiras de Molduras de Pinus (1995–2004)



As exportações brasileiras de molduras de pinus são bastante concentradas e os EUA são o principal destino (vide figura 4.18).

Tradicionalmente, os EUA respondem por mais de 90% das exportações brasileiras de molduras de pinus.

Figura 4.18.
Principais Destinos das Exportações Brasileiras de Molduras de Pinus (2003–2004)



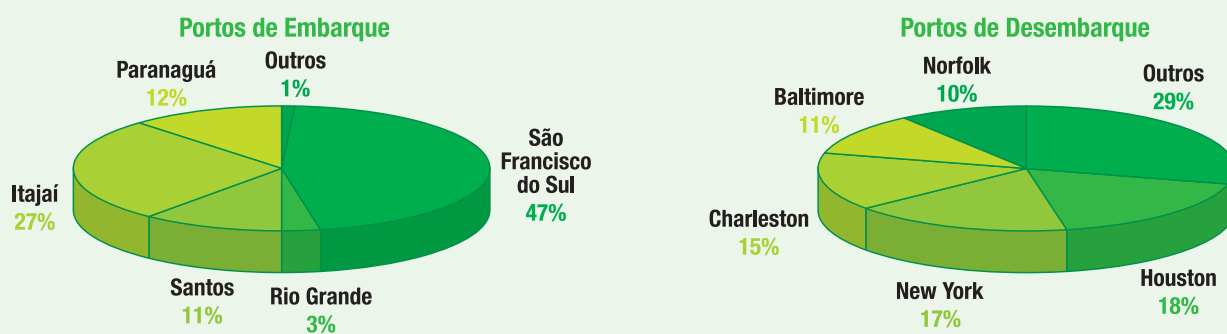
Fonte: SECEX, adaptado STCP

Os principais portos de embarque das exportações brasileiras de molduras de pinus são São Francisco do Sul, Itajaí e Paranaguá. Juntos eles embarcaram 85% do volume destinado ao mercado internacional em 2004 (vide figura 4.19). A concentração das exportações através dos portos da

região sul está associada ao fato que a maioria dos produtores nacionais está localizada nos Estados do Paraná e Santa Catarina.

Por sua vez, os principais portos de destino são Houston, New York e Charleston, todos nos EUA.

Figura 4.19.
Principais Portos de Embarque e Desembarque das Exportações Brasileiras de Molduras de Pinus (2004)



Fonte: SECEX e CENTRONAVE, adaptado STCP

Importação

O Brasil não figura como importador de molduras de madeira, caracterizando-se como um país totalmente exportador.

• EGP

Exportação

As exportações brasileiras de EGP estão quase que exclusivamente baseadas em produtores independentes, ou seja, não estão envolvidos na produção de móveis. Os volumes exportados de EGP representam quase 1/3 do total produzido no mercado doméstico. Em termos absolutos, os volumes exportados são crescentes, tendo sido atingido 144.000 m³ em 2004.

Os volumes exportados de EGP, em sua maioria, são destinados aos EUA. No entanto, a China e países da UE (Bélgica, Itália e Alemanha) vêm ocupando posição de destaque como importadores (vide figura 4.21). É importante destacar a crescente participação chinesa nas exportações brasileiras, o que está associado ao forte crescimento da indústria moveleira naquele país.

Figura 4.20. Exportações Brasileiras de EGP (1995–2004)

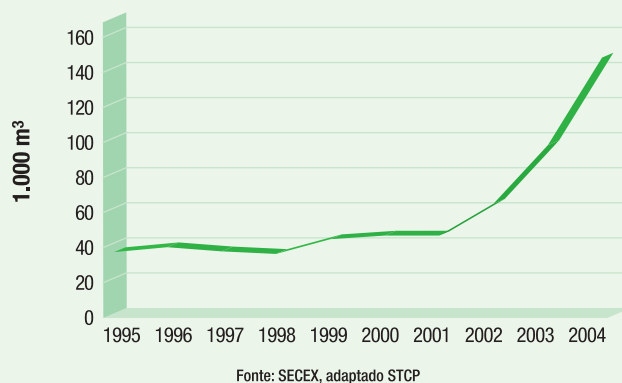
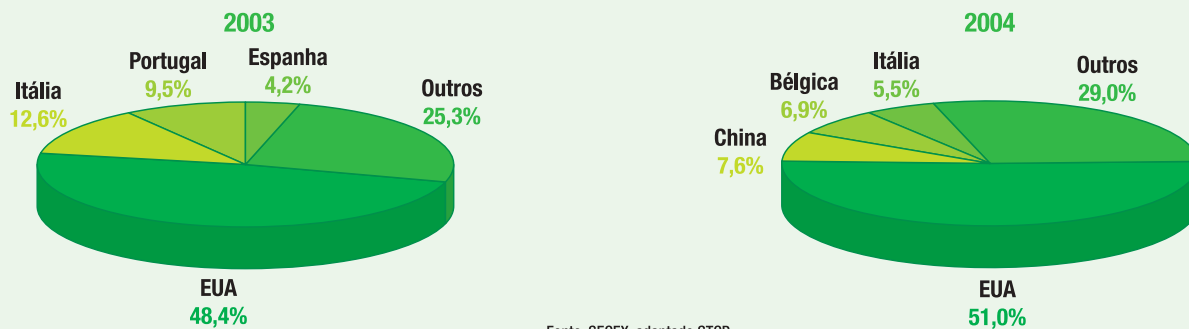


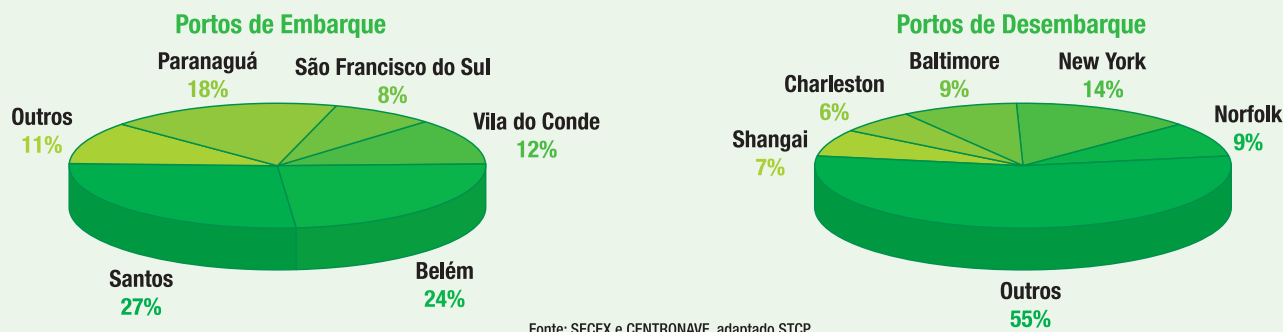
Figura 4.21. Principais Destinos das Exportações Brasileiras de Molduras de EGP (2003–2004)



Os principais portos de embarque do EGP brasileiro são Santos, Belém e Paranaguá, enquanto que os principais portos de

desembarque são New York e Baltimore nos EUA e Shanghai na China (vide figura 4.22).

Figura 4.22. Principais Portos de Embarque e Desembarque das Exportações Brasileiras de EGP (2004)



Importação

Da mesma forma que as molduras, as importações brasileiras de EGP são praticamente inexistentes.

• Portas

Exportações

As exportações brasileiras de portas de madeira bateram recorde em 2004, triplicando em relação ao observado em 1995. Em 1995, as exportações brasileiras de portas de madeira não ultrapassavam USD 61 milhões, passando para USD 208 milhões em 2004. Isso representa uma taxa média de crescimento da ordem de 14,7% aa.

As exportações brasileiras de portas de madeira são bastante concentradas. O principal importador das portas de madeira brasileiras são os EUA, respondendo por 61% do montante exportado em 2004. Expressivos volumes são também exportados para o Reino Unido, Porto Rico e Canadá.

Figura 4.23.
Exportações Brasileiras de Portas de Madeira (1995–2004)

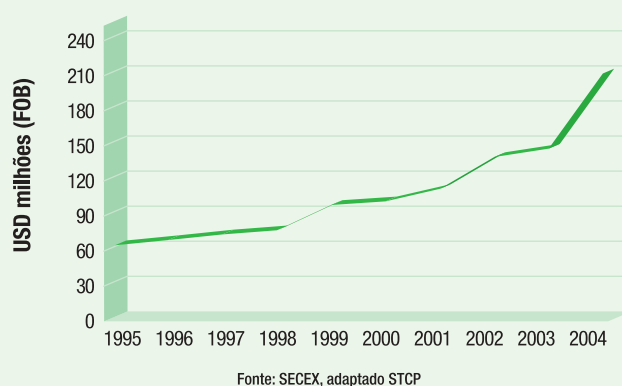
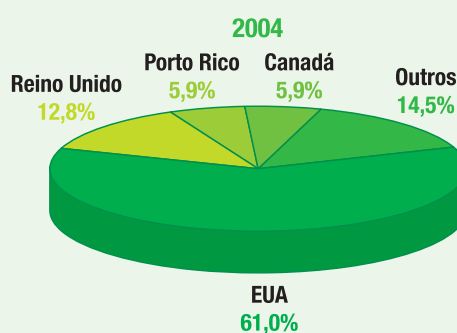
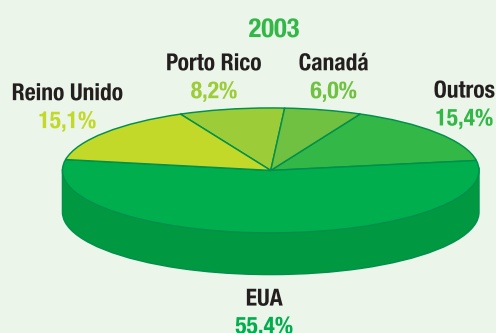


Figura 4.24.
Principais Destinos das Exportações Brasileiras de Portas de Madeira (2003–2004)

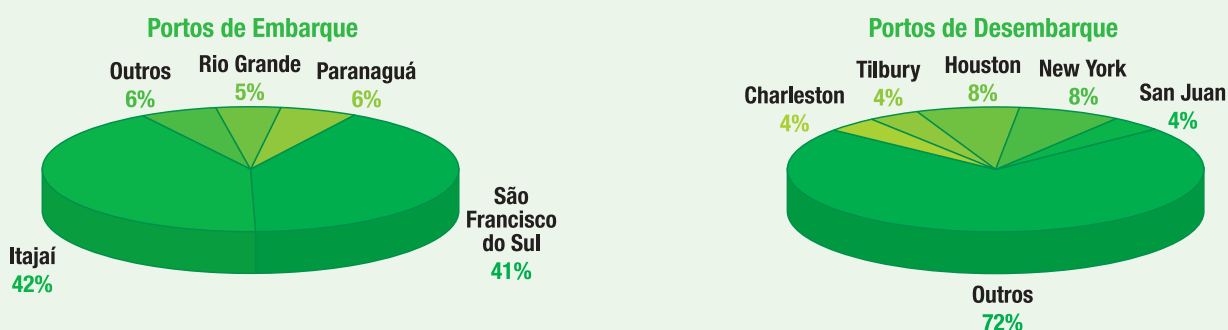


Fonte: SECEX, adaptado STCP

As exportações brasileiras de portas de madeira são escoadas basicamente através do porto de São Francisco do Sul e de Itajaí. Em se tratando dos portos

de desembarque, evidenciam-se os portos de Charleston, New York e Houston nos EUA, Tilbury no Reino Unido e de San Juan em Porto Rico.

Figura 4.25. Principais Portos de Embarque e Desembarque das Exportações Brasileiras de Portas de Madeira (2004)



Fonte: SECEX e CENTRONAVE, adaptado STCP

Importação

As importações brasileiras de portas de madeira são praticamente inexistentes.

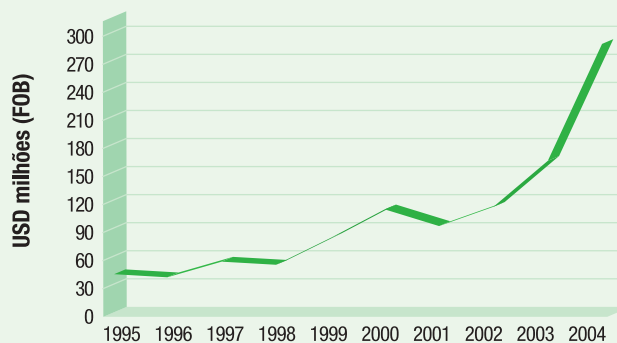
• Pisos

Exportações

As exportações brasileiras de pisos de madeira cresceram substancialmente nos dois últimos anos. Em 2004, as exportações cresceram 86% em relação a 2003, tendo sido alcançado USD 286,6 milhões. Atualmente, o Brasil tem se posicionado como um dos principais exportadores mundiais de pisos de madeira.

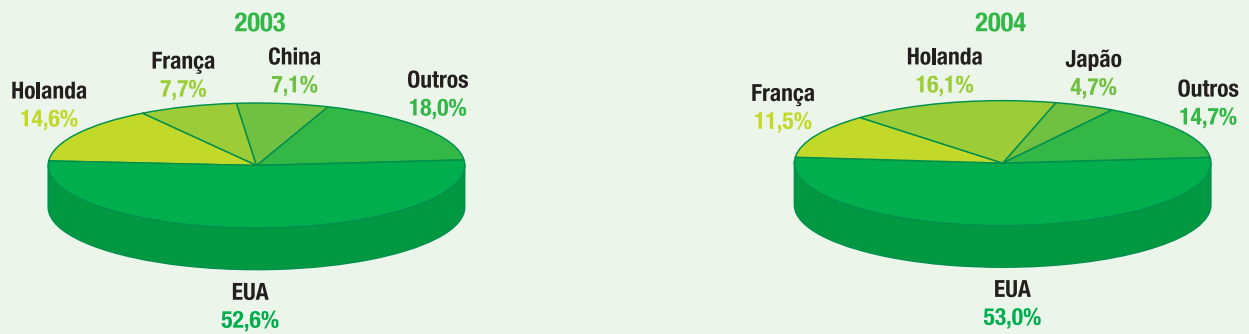
As exportações brasileiras de pisos de madeira estão orientadas predominantemente para os EUA. No entanto, alguns países da UE e Japão ocupam posição de destaque como potenciais importadores (vide figura 4.27).

Figura 4.26. Exportações Brasileiras de Pisos de Madeira (1995–2004)



Fonte: SECEX, adaptado STCP

Figura 4.27.
Principais Destinos das Exportações Brasileiras de Pisos de Madeira (2003–2004)

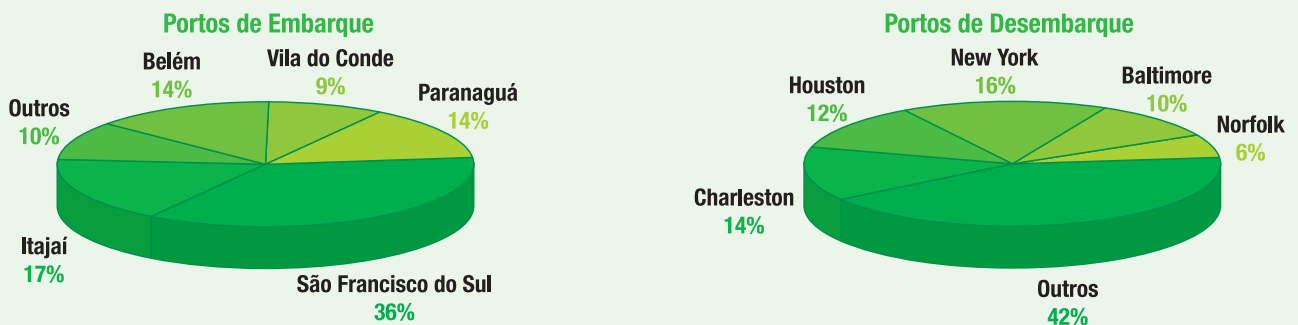


Fonte: SECEX, adaptado STCP

Os principais portos de embarque das exportações brasileiras de pisos de madeira são São Francisco do Sul, Itajaí, Paranaguá e Belém. Os portos

localizados na região sul do país exportaram 67% da produção total de pisos de madeira, enquanto que os portos da região norte contribuíram com 23%.

Figura 4.28.
Principais Portos de Embarque e Desembarque das Exportações Brasileiras de Pisos de Madeira (2004)



Fonte: SECEX e CENTRONAVE, adaptado STCP

Importação

As importações brasileiras de pisos de madeira são praticamente inexistentes.



5

**Desafios
Enfrentados
pela
Abimci**

5.1. Apagão Florestal

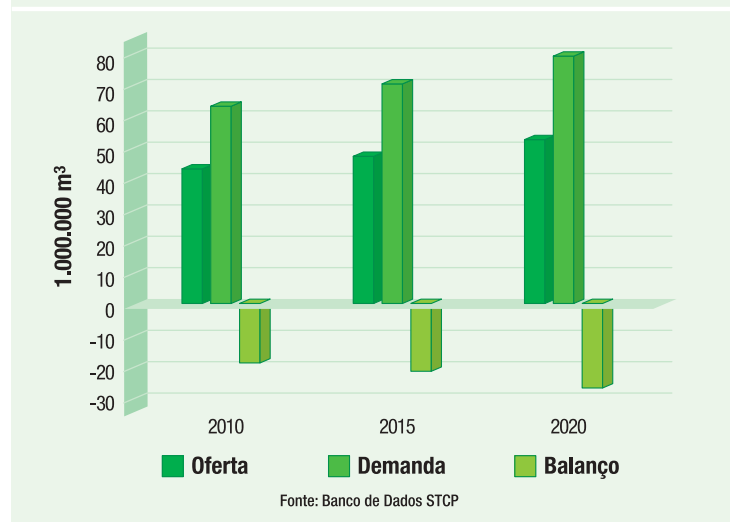
A indústria de madeira processada mecanicamente atravessa uma crise no suprimento de madeira sem precedente, a qual tende a se agravar ainda mais nos próximos anos, reflexo do chamado “apagão florestal”. Trata-se de um assunto recente, mas que já vinha sendo alertado pela ABIMCI desde meados da década de 90. Desde então, a ABIMCI tem atuado junto à iniciativa privada e ao setor público, buscando soluções para mitigar o problema que tem se agravado ainda mais nos últimos anos.

Estudos conduzidos pela ABIMCI indicam que a demanda de madeira em tora é superior à capacidade de produção sustentada dos reflorestamentos existentes no país. Para 2010 é projetado um déficit da ordem de 20 milhões de m³ para tora de pinus. Na região sul, onde está concentrada a maior demanda, o déficit projetado é ainda maior. A tendência é que o déficit aumente rapidamente nos próximos anos, uma vez que a expansão da área florestal não está acompanhando o ritmo de crescimento da demanda. Para 2020 é esperado um déficit de pouco mais de 27 milhões de m³ considerando somente toras de pinus (vide figura 5.01).

As limitações na oferta de tora de pinus têm provocado um forte impacto nos preços. Somente no biênio 2003/04 o preço da tora de pinus acumulou, em média, um aumento de quase 70% o que se mostra incompatível com a inflação (IPCA) que, no mesmo período, acumulou pouco mais de 16%. O impacto da demanda nos preços ainda não é maior porque o déficit está sendo coberto momentaneamente pelos estoques existentes.

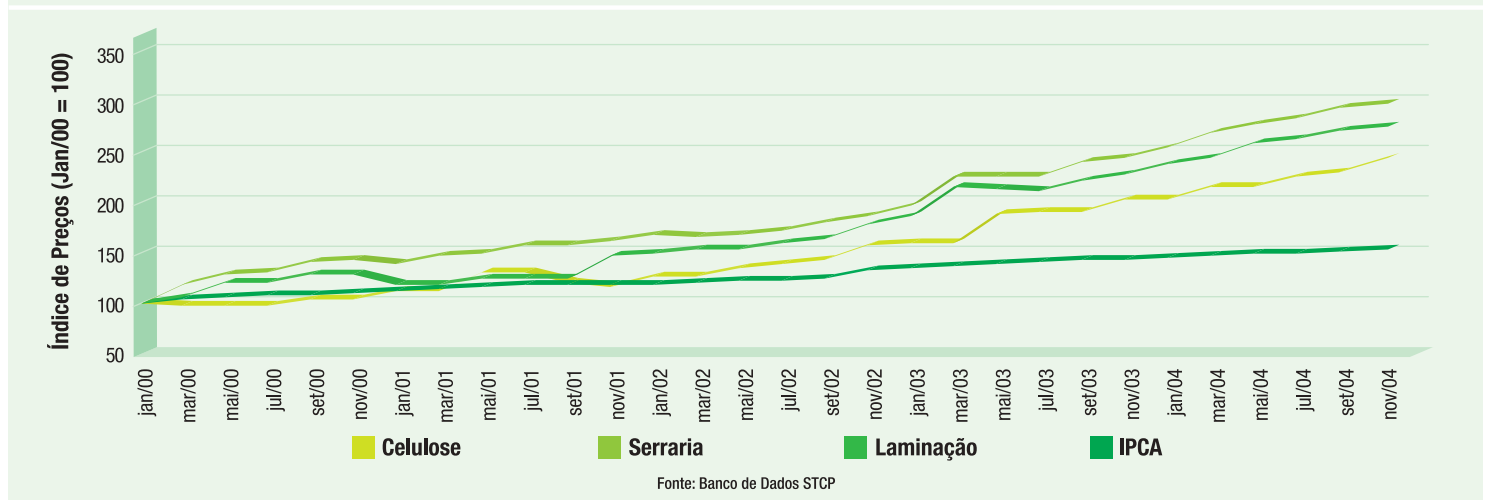
Projeções indicam, em curto prazo, que o preço da madeira em tora de

Figura 5.01.
Balanço entre a Oferta e a Demanda de Madeira de Pinus no Brasil



pinus no Brasil atingirá patamares bastante próximos ou, até mesmo superiores, àqueles praticados pelos principais competidores brasileiros, particularmente Chile e Nova Zelândia. Trata-se, na realidade, de uma tendência que dificilmente será revertida, uma vez que a alternativa que resta é o aumento da oferta, o que certamente não ocorrerá em curto e

Figura 5.02.
Evolução do Preço de Tora de Pinus no Mercado Doméstico



médio prazo, tendo em vista os reduzidos investimentos no estabelecimento de plantios florestais e o longo período de maturação dos mesmos.

Entretanto, o impacto na redução da oferta de madeira em tora de pinus não é simplesmente no preço. Na realidade, vai muito mais além. A falta de madeira afeta a competitividade da indústria florestal como um todo e compromete seu desenvolvimento como gerador de riquezas para o país. Não é possível sustentar o crescimento da indústria florestal, nem mesmo os níveis atuais de produção, considerando a base florestal existente. A sustentabilidade e a competitividade da indústria florestal depende essencialmente da expansão da base florestal.

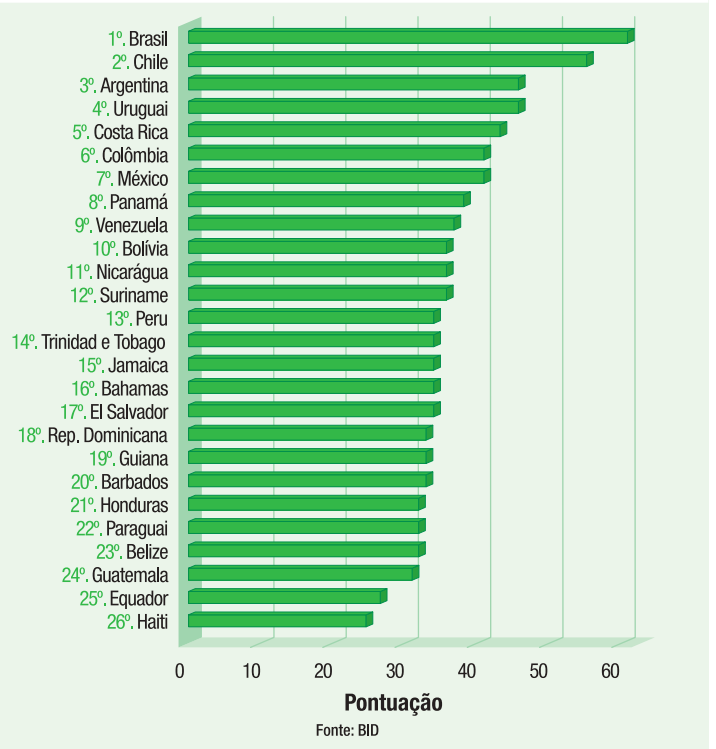
A ABIMCI tem discutido com o governo estratégias para minimizar os impactos do apagão florestal que se intensificarão nos próximos anos, o que certamente comprometerá a competitividade da indústria brasileira de madeira processada mecanicamente. Qualquer ação que seja tomada precisa ser rápida e eficiente dado o tempo necessário para maturação de novos plantios. Do contrário, em curto prazo, o Brasil passará a ser um importador de madeira. Importações provenientes de países vizinhos, como Argentina e Uruguai, têm se intensificado e a perspectiva é que as importações venham a cobrir os déficits no suprimento do mercado doméstico que se acentuarão nos próximos anos.

5.2. IAIF – Índice de Atração ao Investimento Florestal

A ABIMCI tem monitorado o ranking do IAIF (Índice de Atração ao Investimento Florestal) para a América Latina, publicado recentemente pelo BID, que posiciona o Brasil como o país mais atrativo para receber ID em negócios floresto-industriais (vide figura 5.03). O IAIF reflete basicamente a situação verificada quanto ao fluxo de ID em negócios floresto-industriais na América Latina. Brasil e Chile, posicionados entre os primeiros classificados do IAIF, são os principais receptores de ID no setor florestal regional. Por sua vez, ocupam ainda posição de destaque o Uruguai e a Argentina, os quais nos últimos anos têm sido os principais receptores de IED no setor florestal latino-americano.

Atualmente, o fluxo de ID no setor florestal latino-americano está sendo prioritariamente orientado ao Chile, Uruguai e Brasil (extremo sul). A expectativa é que nos próximos anos o setor florestal chileno experimente ID

Figura 5.03. Ranking do IAIF



da ordem de USD 4 bilhões, tendo o segmento de celulose e papel uma preponderante participação (USD 3,1 bilhões). No caso do Uruguai, a estimativa é que até 2007 os ID no setor florestal alcancem mais de USD 2 bilhões, prevalecendo IED na produção de celulose e papel. Por sua vez, a expectativa com relação ao Brasil é que os ID vinculados ao setor florestal atinjam USD 20 bilhões até 2014, destacando-se neste caso os ID (IDD e IED) na indústria de madeira processada mecanicamente (USD 6 bilhões).

Considerando uma análise isolada dos principais pólos latino-americanos de convergência de ID no setor florestal (Chile, Argentina, extremo sul do Brasil e Uruguai), existe uma série de fatores fundamentais para atração dos ID, que são similares nos distintos pólos, entre os quais evidenciam-se:

- Disponibilidade de terras para estabelecimento de florestas (ou simplesmente a existência de plantações florestais);
- Elevada produtividade das plantações florestais;
- Segurança jurídica e aplicação da lei (*law enforcement*);

- Infra-estrutura econômica adequada; e
- Baixo grau de regulação da atividade floresto-industrial.

No entanto, a ABIMCI entende que existe uma tendência de estabilização do fluxo de ID, sendo que as políticas governamentais e estratégias empresariais deverão estar orientadas para melhoria da rentabilidade dos investimentos. No caso da indústria florestal brasileira, particularmente a indústria de madeira processada mecanicamente, o que se verifica é que algumas empresas têm reorientado seus projetos de investimento, buscando regiões onde exista a disponibilidade de matéria-prima. Tal direcionamento tem um caráter estrutural e conduz a uma nova distribuição geográfica das operações e investimentos no país.

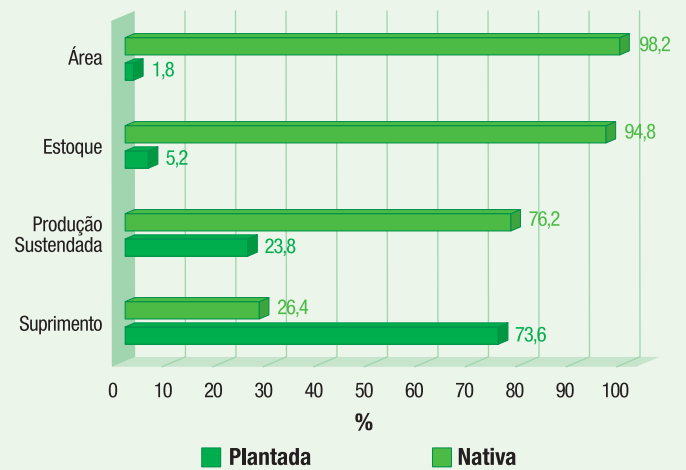
Frente a este cenário mais competitivo, a ABIMCI tem atuado no sentido de fortalecer as instituições e aperfeiçoar as políticas para atração de ID, a fim de permitir que a indústria de madeira processada mecanicamente garanta sua competitividade globalmente.

5.3. A Indústria de Madeira Processada Mecanicamente e o Meio Ambiente

No passado existia uma percepção de que a indústria de madeira processada mecanicamente estava vinculada à degradação ambiental. Tal percepção tem mudado gradativamente e atualmente existem claras evidências, baseadas em estudos científicos, de que a degradação ambiental, na verdade, tem grande correlação com pobreza que leva à exploração não sustentada dos recursos naturais, incluindo na conversão do uso solo (desmatamento) para outros usos, em particular a agricultura itinerante e não sustentada. Na realidade, o que se tem observado é que as atividades de base florestal contribuem para a sustentabilidade dos recursos florestais. Em regiões ou mesmo países onde as atividades florestais são desenvolvidas, os índices de conversão da cobertura florestal para outros usos são baixos.

No Brasil, a indústria florestal em geral está predominantemente baseada em florestas plantadas, o que, sem dúvida, tem contribuído para a preservação e conservação das florestas naturais. Em que pese a pequena área ocupada pelas florestas plantadas (menos de 1% do território nacional), estudos conduzidos pela ABIMCI indicam que elas contribuem com quase 75% do consumo de madeira para uso industrial do Brasil (vide figura 5.04).

Figura 5.04.
Importância das Florestas Plantadas para o Consumo de Madeira para Uso Industrial no Brasil (2004)



Fonte: Banco de Dados STCP

Além disso, cresce a percepção em todo o mundo que a madeira é um produto “ambientalmente correto”. A madeira é um produto renovável e se destaca nas formas mais modernas de avaliação ambiental, como por exemplo, a análise do ciclo de vida do produto. Na tabela 5.01 é mostrada a análise do ciclo de vida de diferentes materiais (ou produtos) e sua relação com o consumo de energia envolvido na sua produção. Verifica-se que o consumo energético para produção de madeira é 70 vezes menor que o consumido na produção de alumínio, bem como bastante inferior a diversos outros produtos amplamente empregados na construção civil.

Tabela 5.01.
Consumo Relativo de Energia para Produção de Diferentes Materiais

MATERIAL	CONSUMO DE ENEGIA (Valores Relativos)
Alumínio	70
Aço	17
Tijolo	3,1
Concreto	3
Madeira Serrada	1

Fonte: Banco de Dados STCP

O crescente interesse global pelo produto madeira leva portanto em consideração o fato que o uso de um produto renovável proporciona os chamados benefícios ambientais implícitos. Além do baixíssimo consumo energético durante o seu ciclo de vida, a madeira apresenta um reduzido índice de emissão de carbono. Uma comparação entre índices de emissão de carbono de diferentes materiais é mostrada na tabela 5.02, onde pode ser observado que o produto madeira se destaca por apresentar uma emissão de carbono negativa, ou seja, o produto madeira é um sorvedouro e não emissor de carbono.

Tabela 5.02.

Emissão de Carbono na Produção de Diferentes Materiais

MATERIAL	EMIÇÃO DE CARBONO (kg C/ton)
Plástico	2.810
Alumínio	2.400
Aço	1.090
Vidro	630
Tijolo	149
Concreto	46
Madeira Serrada	-460

Fonte: Banco de Dados STCP

A indústria florestal brasileira também tem se mostrado muito eficiente no aproveitamento da matéria-prima. A maioria dos sub-produtos são aproveitados em algum tipo de processamento secundário. O cavaco - um sub-produto do processamento primário da madeira (serraria), por exemplo, é uma importante matéria-prima tanto para a indústria de celulose como para a indústria de painéis reconstituídos. Muitos sub-produtos gerados pela indústria de madeira processada mecanicamente, como por exemplo, a casca, serragem, maravalha, são amplamente empregados na geração de bioenergia, contribuindo para redução do consumo de combustíveis fósseis. A indústria de madeira processada mecanicamente garante um uso integral da matéria-prima, o que permite maior competitividade para os empreendimentos e contribui para o equilíbrio do meio ambiente.

5.4. Barreiras que Limitam o Acesso aos Mercados

Com a finalização da Rodada do Uruguai, que resultou na criação da Organização Mundial do Comércio (OMC), houve uma redução generalizada de barreiras tarifárias. Isso resultou em um forte aumento do comércio internacional nos últimos anos.

Atualmente, as barreiras tarifárias para produtos de madeira sólida são relativamente pequenas, pelo menos em se tratando dos principais mercados importadores. Análises conduzidas por diversas organizações internacionais como ITTO, FAO e ITC indicam que para a maioria dos produtos de madeira de baixo grau de transformação ou produtos de madeira primários (toras, cavacos, serrados, lâminas e similares) os impostos e/ou taxas de importação foram completamente removidos, no entanto as remanufaturas de madeira, ou seja, os produtos de maior valor agregado (molduras, pisos, portas, móveis, entre outros) são ainda taxados. De qualquer maneira, é importante reconhecer que as tarifas de importação, mesmo para as remanufaturas de madeira (PMVA) são baixas e a tendência é que decresçam ainda mais ao longo dos próximos anos.

Estudos realizados pela ABIMCI mostram que as limitações de acesso a mercados estão agora muito mais por conta das barreiras não-tarifárias e outras formas de impedimentos de mercado. Entre as novas modalidades de impedimentos de mercado estão cotas, mecanismos envolvendo aspectos técnicos, sociais, ambientais e fitosanitários, políticas de compra por parte de governos (poder de compra) e outras.

Os produtos de madeira sólida têm sido afetados por tais formas de limitação de acesso ao mercado, e a tendência é que o problema venha a se intensificar. Exemplo de barreiras não-tarifárias são o CE Marking (Europa) para produtos de madeira empregados na construção civil, exigências relacionadas a emissões de formaldeído feitas pelo Japão, a certificação estrutural dos EUA, as exigências de certificação florestal, etc.

A ABIMCI tem apoiado a indústria de madeira processada mecanicamente em ações para suplantar tais barreiras. Entretanto, o problema é que estas novas exigências, embora possam ser contornadas, geram novos custos e reduzem a competitividade do produto brasileiro no mercado internacional.

As barreiras não-tarifárias e outras formas de impedimento de acesso ao mercado têm sido discutidos na OMC e, mais recentemente, dentro da Agenda de Doha. A Agenda de Doha estabelece prioridades para discutir o comércio mundial, muitas das quais têm forte relação com o setor de base florestal. A ABIMCI continuará a acompanhar e monitorar o assunto e informar aos associados os desenvolvimentos sobre a matéria.

5.5. Certificação Florestal e o CERFLOR

De forma a garantir que o suprimento de matéria-prima das indústrias brasileiras de madeira processada mecanicamente provenham de fontes de produção sustentáveis, a ABIMCI tem apoiado iniciativas orientadas ao Programa Brasileiro de Certificação Florestal - CERFLOR, desenvolvido no âmbito do Sistema Brasileiro de Avaliação de Conformidade e gerenciado pelo INMETRO.

Recentemente, a ABIMCI, apoiada pela ITTO, desenvolveu juntamente com a SBS, o FNABF, o INMETRO e a ABNT, os critérios e indicadores para o manejo sustentável das florestas tropicais brasileiras como parte do CERFLOR. Além de testes pilotos, seminários para disseminação dos padrões de manejo e treinamento de auditores e de profissionais que atuam no manejo de florestas tropicais, a ABIMCI publicou um manual de aplicação. Foram distribuídos mais de 5.000 cópias do manual de aplicação dos critérios e indicadores para o manejo sustentável das florestas tropicais brasileiras.

Atualmente, a ABIMCI está trabalhando em busca do reconhecimento mútuo do CERFLOR por um dos principais sistemas de certificação florestal em nível mundial, o PEFC (*Program for the Endorsement of Forest Certification Schemes*). Isso, sem dúvida, garantirá maior credibilidade ao CERFLOR internacionalmente através da eliminação de barreiras técnicas e garantia de acesso aos produtos brasileiros certificados.

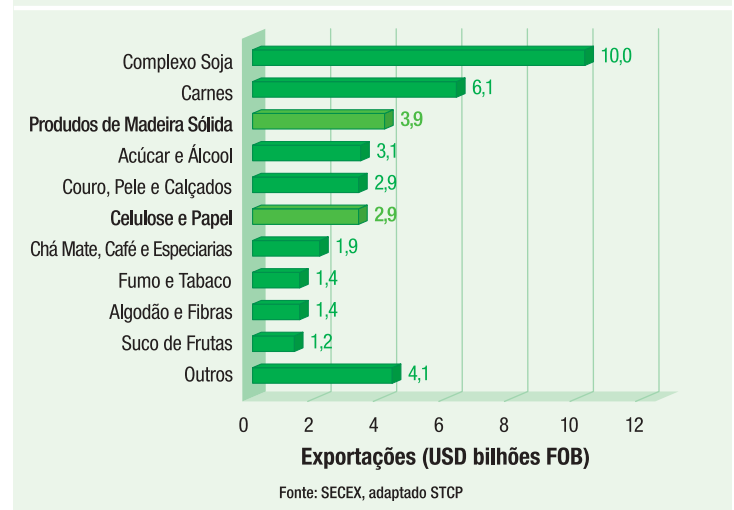
5.6. A Importância dos Produtos de Madeira para o Agronegócio Brasileiro

O excelente desempenho das exportações brasileiras ao longo dos últimos anos tem sido, em parte, devido ao agronegócio.

A indústria florestal, em especial a indústria de madeira processada mecanicamente, tem exercido forte influência na balança comercial do agronegócio do país. Em 2004, as exportações brasileiras de agronegócios alcançou USD 39 bilhões, e os produtos florestais contribuíram com USD 6,8 bilhões, ou seja, 17% do montante total exportado. Na realidade, os produtos florestais perdem somente para o complexo soja, responsável pela exportação de USD 10 bilhões. Isoladamente, os produtos de madeira sólida responderam por 10% das exportações brasileiras de agronegócios, o que representa um montante de USD 3,9 bilhões (vide figura 5.05).

Figura 5.05.

Participação dos Produtos de Madeira Sólida na Exportação Brasileira de Agronegócios (2004)



A ABIMCI tem discutido em diversas frentes a importância dos produtos de madeira sólida na pauta de exportação do agronegócio brasileiro. A ABIMCI entende que se os produtos de madeira sólida tivessem as mesmas prerrogativas dadas, por exemplo, ao setor agrícola, as exportações brasileiras de produtos florestais poderiam ser ainda maiores, dinamizando ainda mais a socioeconomia do país.



6

A Abimci e as Estratégias para o Desenvolvimento da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente

O crescimento da indústria brasileira de madeira processada mecanicamente tem sido baseada na competitividade florestal do país e na capacidade do setor privado na gestão dos negócios e adoção de novas tecnologias. Na realidade, grande parte do desenvolvimento da indústria brasileira de madeira processada mecanicamente foi resultado de uma política de governo que favoreceu a implantação das florestas plantadas a partir dos incentivos fiscais que vigoraram entre 1966 e 1987.

Com o término dos incentivos fiscais, a base florestal do país ficou estagnada. A falta de uma política florestal de longo prazo, fundamental para uma atividade que opera longos ciclos tem limitado os investimentos privados. Como reflexo, a base florestal atual é insuficiente para garantir a expansão da indústria florestal no ritmo que vem ocorrendo.

Outros fatores, não menos importantes, também têm comprometido o desenvolvimento da indústria brasileira de produtos de madeira processada mecanicamente. Entre eles pode-se mencionar a falta de estabilidade institucional e legal, em várias frentes (agrária, ambiental e desenvolvimento florestal); a tendência de exigência e complexidade no âmbito dos regulamentos em vários níveis (federal, estadual e, até mesmo, municipal), entre outros.

A ABIMCI entende que para garantir a sustentabilidade dos níveis de crescimento da indústria brasileira de madeira processada mecanicamente, gerar novos empregos, aumentar a participação do segmento na geração de divisas e consolidar a posição do país no mercado internacional, são necessárias várias ações entre as quais se destacam aquelas de âmbito geral (reformas estruturais que afetam todo o setor produtivo) e aqueles aplicáveis às particularidades do setor de base florestal. Entre as ações necessárias aplicáveis ao setor de base florestal evidenciam-se:

- **Definição de um modelo institucional orientado à produção**

O fato de o setor de base florestal estar inserido no Ministério do Meio Ambiente é um aspecto limitante para o seu desenvolvimento. A estrutura do setor florestal brasileiro está

orientada essencialmente para questões ambientais. A produção de madeira não é o foco da política florestal brasileira. Em países desenvolvidos, como por exemplo os EUA e a Finlândia, o setor de base florestal está vinculado a um ministério de produção, quase sempre o Ministério de Agricultura.

- **Definição de uma política de longo prazo**

Isso é especialmente importante para o segmento de produtos de madeira sólida, onde os ciclos de produção, sejam de florestas nativas ou de florestas plantadas, são raramente inferiores a 20 anos.

Na realidade, os esforços para tratar os assunto importantes do setor de base florestal brasileiro, baseados em programas de longo prazo têm sido bastante limitados. A elaboração do Programa Nacional de Florestas (PNF) é uma iniciativa recente, resultante da crescente atenção internacional e conscientização nacional da importância do setor de base florestal. O PNF foi criado em 2000 como uma nova política e estrutura institucional para promoção do manejo florestal sustentado. Uma série de realizações tem sido registradas em nível político e em alguns estados da federação que efetivamente se comprometeram com o PNF. Entretanto, o PNF ainda está dando os primeiros passos e o seu progresso é ainda bastante modesto.

A ABIMCI entende que as iniciativas do PNF têm que se intensificar, no sentido de estabelecer claramente uma política de longo prazo para o setor de base florestal, contemplando a indústria brasileira de madeira processada mecanicamente.

- **Revisão dos dispositivos legais**

O Brasil desenvolveu dispositivos legais extremamente complexos e, na maioria das vezes, de difícil aplicabilidade. É necessária uma revisão completa dos dispositivos, de forma que eles sejam aplicáveis à realidade local (nacional e regional).

As regulamentações federais em vigor estão, em sua maioria, voltadas às demandas que limitam a atividade florestal produtiva, ao invés de contribuírem para uma regulamentação adequada para o uso

dos recursos e para estimular a produção de madeira e outros produtos florestais. Por sua vez, as regulamentações em nível estadual são cada vez mais burocráticas, limitando o desenvolvimento da atividade produtiva.

A alta regulamentação conferida ao setor de base florestal brasileiro traz sérias implicações, pois geram custos de transação excessivos que limitam a competitividade do produto brasileiro no mercado internacional e conduz à ilegalidade.

• Expansão da base florestal

As florestas plantadas têm sido extremamente importantes para o desenvolvimento da indústria de madeira processada mecanicamente, mas existem limitações quanto a sua expansão futura devido a sérios problemas de limitações do suprimento, e portanto a ampliação da base de florestas plantadas é fundamental. Mecanismos apropriados à implantação de florestas de rotação mais longa necessitam ser desenvolvidos e incentivos ao manejo para produção de matéria-prima de maior valor, a exemplo do que existe em outros países, são tipos de instrumentos inovadores que devem ser devidamente considerados. Na área de florestas nativas é importante a ampliação das áreas de florestas públicas de produção, as quais deverão ser colocadas em operação dentro do menor prazo possível. É recomendável que tal iniciativa seja tomada tanto pelo governo federal como estadual.

• Apoio à pequena e média empresa

O apoio a pequena e média empresa do segmento de produtos de madeira sólida é fundamentalmente importante, pois este porte de indústria predomina. O apoio passa pela assistência técnica, com ênfase ao desenvolvimento da capacidade gerencial, melhoria da tecnologia de produção/produtos e ainda pelo apoio ao comércio internacional. O foco deverá ser produzir melhor, agregar mais valor e ser mais competitivo no mercado internacional. Linhas especiais para modernização deverão fazer parte do pacote de apoio.

• Atuar na defesa da indústria nacional

A atuação em defesa da indústria nacional deve ser dada sob várias óticas, buscando sempre facilitar o acesso aos mercados. É importante uma perfeita coordenação entre o setor público e privado na defesa dos interesses nacionais em fóruns internacionais, ademais do desenvolvimento de mecanismos de apoio para superar barreiras comerciais, como por exemplo barreiras técnicas.

• Sistema de informação

Por se tratar de um setor que atua no longo prazo, a existência de informações confiáveis para o planejamento estratégico é fundamental. Em países de grande desenvolvimento florestal, como por exemplo a Finlândia, o setor público coopera com o setor privado colocando à disposição informações estratégicas. No Brasil, as informações sobre o recurso florestal (base do suprimento), a demanda (indústria de base florestal) e o mercado, são inexistentes ou extremamente frágeis, e este assunto necessita urgentemente ser resolvido. Idéias inovadoras, como por exemplo, um sistema de inteligência de mercado podem dar uma grande resposta e gerar impactos rapidamente.

• Marketing do produto Brasil

O Brasil tem sido merecedor de elogios pelos progressos feitos na área ambiental, mas pode ir mais adiante. Capitalizar os avanços na área ambiental para vender ao mercado uma boa imagem do produto “Madeira do Brasil”, pode abrir novos horizontes. Trata-se de uma tarefa de governo, em conjunto com o setor privado.

Na realidade, estes são alguns dos aspectos mais relevantes que podem ser considerados dentro de uma agenda positiva de discussão entre o governo e o setor privado, em especial a indústria de madeira processada mecanicamente. A ABIMCI acredita que a partir do desenvolvimento desta agenda, sem dúvida nenhuma, a indústria de madeira processada mecanicamente poderá colaborar de forma ainda mais efetiva para o desenvolvimento econômico e social sustentado do país.

Abreviaturas

%	Porcentagem	IBI	<i>International Business</i>
a.a.	ao ano	IBPT	Instituto Brasileiro de Pesquisa Tributária
ABAF	Associação de Produtores de Florestas Plantadas do Estado da Bahia	ID	Investimento Direto
ABIMCI	Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente	IDD	Investimento Doméstico Direto
ABIMÓVEL	Associação Brasileira das Indústrias de Mobiliário	IED	Investimento Estrangeiro Direto
ABIPA	Associação Brasileira da Indústria de Painéis	INMETRO	Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas	IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada
ABPM	Associação Brasileira de Preservadores de Madeira	ITC	<i>International Trade Centre</i>
ABRAF	Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas	ITTO	<i>International Tropical Timber Organization</i>
ABRAF	Associação Brasileira dos Produtores de Formol e Derivados	IWPA	<i>International Wood Products Association</i>
ACR	Associação Catarinense de Empresas Florestais	MDF	<i>Medium Density Fiberboard</i>
AGEFLOR	Associação Gaúcha de Empresas Florestais	MDIC	Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio
AHEC	<i>American Hardwood Export Council</i>	MMA	Ministério do Meio Ambiente
AIMEX	Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Madeira do Estado do Pará	OSB	<i>Oriented Strand Board</i>
AMS	Associação Mineira de Silvicultura	PBQP-h	Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade do Habitat
APA	<i>Engineered Wood Association</i>	PIB	Produto Interno Bruto
APEBF	Associação Paranaense de Empresas de Base Florestal	PMVA	Produtos de Maior Valor Agregado
ATIBT	<i>International Technical Tropical Timber Association</i>	PNQC	Programa Nacional de Qualidade do Compensado
BRACELPA	Associação Brasileira de Celulose e Papel	PNQM	Programa Nacional de Qualidade da Madeira
CENTRONAVE	Centro Nacional de Navegação Transatlântica	PNQM/PMVA	Programa Nacional de Qualidade da Madeira/Produtos de Maior Valor Agregado
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina	PNQM/CP	Programa Nacional de Qualidade da Madeira/Compensado de Pinus
CERFLOR	Programa de Certificação Florestal	PNQM/CT	Programa Nacional de Qualidade da Madeira/Compensado de Madeira Tropical
CNI	Confederação Nacional das Indústrias	PNQM/PO	Programa Nacional de Qualidade da Madeira/ Portas
CNQM	Conselho Nacional de Qualidade da Madeira	PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
EGP	<i>Edge Glued Panel</i>	SBS	Sociedade Brasileira de Silvicultura
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária	SECEX	Secretaria de Comércio Exterior
EUA	Estados Unidos da América	SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
FAO	<i>Food and Agriculture Organization of the United Nations</i>	SIMADER	Seminário de Industrialização e Usos de Madeira de Reflorestamento
FEIC	<i>European Federation of the Plywood Industry</i>	SINDUSCOM	Sindicato da Indústria da Construção Civil
FESC	Fundação Educacional de Santa Catarina	TTF	<i>Timber Trade Federation</i>
FIESC	Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina	UE	União Européia
FLONAS	Florestas Nacionais	UFPR	Universidade Federal do Paraná
FLORESTAR	Fundo Florestal	UnC	Universidade do Contestado
FRA	<i>Global Forest Resources Assessment</i>	UNIVILE	Universidade de Joinville
IAIF	Índice de Atração ao Investimento Florestal	USD	Dólar Americano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística		

Associados ABIMCI

Sócios Titulares

Andrade & Martins Ltda.
 Angelo Camilotti & Cia. Ltda.
 Argenta, Bonotto & Cia. Ltda.
 Battistella Indústria e Comércio Ltda.
 Berneck Aglomerados S.A.
 Brascomp Compensados do Brasil S.A.
 Brasplac Industrial Madeireira Ltda.
 Brochmann Polis – Industrial Florestal S.A.
 Camifra Agro Industrial Ltda.
 Camifra S.A. Madeiras, Agricultura e Pecuária
 Centerplac Compensados Ltda.
 Cikel Brasil Verde S.A.
 Compensados Ângela Ltda.
 Compensados Carlotho Ltda.
 Compensados Centro Oeste Ltda.
 Compensados Drabecki Ltda.
 Compensados Fauna Brazil Ltda.
 Compensados Fortes S.A.
 Compensados Indupinho Ltda.
 Compensados Irmãos Rossoni Ltda.
 Compensados LFPP Ltda.
 Compensados Madeseik Ltda.
 Compensados Novo Milênio Ltda.
 Compensados Pinhal Ltda.
 Compensados Pinheirão Ltda.
 Compensados Santa Catarina Ltda.
 Compensados Santin Ltda.
 Compensados Telêmaco Borba Ltda.
 Compensados Triunfo Ltda.
 Compensados Trombettas Ltda.
 Compensados e Laminados Lavrasul S.A.
 Coralplac Compensados Ltda.
 Dal Pai S.A. Indústria e Comércio
 EAC Florestal Ltda.
 Eidai do Brasil Madeiras S.A.
 Emílio B. Gomes & Filhos S.A.
 Empresa Industrial e Comercial Fuck S.A.
 Esul Esquadrias Uliana Ltda.
 Fábrica de Portas Cachoeira Ltda.
 F.V. de Araújo S.A.
 Floraplac Industrial Ltda.
 Formacomp Ltda.
 Formaplan Fôrmas Planejadas Indústria e Comércio Ltda.
 Fornecedora e Exportadora de Madeiras Forex S.A.
 Frame Madeiras Especiais Ltda.
 GVA Indústria e Comércio S.A.
 Gethal Amazonas S.A. Indústria de Madeira Compensada
 Goede, Lang & Cia. Ltda.
 Guavirá Industrial e Agroflorestal Ltda.
 HP Compensados Ltda.
 Hidil Plac Indústria e Comércio Ltda.
 Incomax Ind. Com. de Madeiras Xavantes Ltda.
 Indústria Madeireira Uliana Ltda.
 Indústria de Compensados Guararapes Ltda.
 Indústria de Compensados Poliplac Ltda.
 Indústria de Compensados Sudati Ltda.
 Industrial Madeireira Camilotti Ltda.
 Industrial Madeireira S.A. (Vimasa)
 Indústrias J. Bettega S.A.
 Indústrias João José Zattar S.A.
 Indústrias Pedro N. Pizzatto Ltda.
 Itamarati Indústria de Compensados Ltda.
 JAE – Indústria e Comércio de Madeiras Ltda.
 Löwen Ind. Madeireira do Maranhão Ltda.
 Laminados Baum Ltda.
 Laminados e Compensados Confiança Ltda.
 Laminados e Compensados Pupo Ltda.
 Laminados e Compensados Roma Ltda.
 Laminit S.A. – Lâminas e Compensados
 Lano da Amazônia Ltda.
 Madêmer Madeiras Ltda.
 Madebil Madeireira Bituruna Ltda.
 Madeiranit Madeiras Ltda.
 Madeiras Filter Ltda.
 Madeiras Nile Ltda.
 Madeiras Schindwein Ltda.
 Madeireira Barra Grande Ltda.
 Madeireira Belo Horizonte Ltda.
 Madeireira EK Ltda.
 Madeireira Miguel Forte S.A.
 Madeireira Rio Claro Ltda.
 Madeireira Thomasi S.A.
 Madeireira Varaschin S.A.
 Madenorte Ltda.

Manasa Madeireira Nacional S.A.
Manoel Marchetti Indústria e Comércio Ltda.
Maracaí Florestal e Industrial Ltda.
Maseal - Indústria de Compensados Ltda.
Masisa do Brasil Ltda. – Planta Ponta Grossa
Masisa do Brasil Ltda. – Planta Rio Negrinho
Nereu Rodrigues & Cia. Ltda.
Pimentel Lopes Engenharia e Arquitetura Ltda. (Multidoor)
Pineply Compensados Ltda.
Pioneiro Comércio e Exportação Ltda.
Ply Ind. de Compensados Ltda.
Pormade - Portas de Madeiras Decorativas Ltda.
Procopiak Compensados e Embalagens S.A.
Repinho Refl. de Madeiras e Compensados Ltda.
Rio Concrem Industrial Ltda.

Rohden Artefatos de Madeira Ltda.
Rosa Madeireira Ltda.
Scam Ltda.
Sebba Indústria e Comércio de Móveis Ltda
Selectas S.A. Ind. Com. de Madeiras
Serraria Campos de Palmas S.A.
Serraria Uliana Ltda.
Sincol S.A. Indústria e Comércio
Somapar Soc. Mad. Paranaense Ltda.
Tecnoplac – Tecnologia em Placas Ltda.
Timberplac Indústria e Comércio de Madeiras Ltda.
Triângulo Pisos e Painéis Ltda.
V. W. Indústria e Comércio de Madeiras Ltda.
Valdir Luiz Rossoni F. I.
Vicari Indústria e Comércio de Madeiras Ltda.

Sócios Participantes

Baq Ltda.
Coldemar Resinas Sintéticas Ltda.
Hexion Química Indústria e Comércio S.A.
Derquin Indústria e Comércio de Produtos Químicos Ltda.
Dynea Brasil S.A.
GP – Resinas Internacionais Ltda.
Isogama Indústria Química Ltda.
Jimo Química Industrial Ltda.
Maclinea S.A. Máquinas e Engenharia para Madeiras
Montana Química S.A.

Omeco Indústria e Comércio de Máquinas Ltda.
Planalto Indústria e Comércio de Produtos Químicos Ltda.
Prentiss Química Ltda.
Produtos Químicos São Vicente Ltda.
Quimofram Industrial Química Ltda.
Renner Sayerlack S.A.
Rígesa, Celulose, Papel e Embalagens Ltda. – Divisão Florestalk
Royalplás Indústria e Comércio Ltda.
Schenectady Crios S.A.
Synteko Produtos Químicos S.A.

Sócios Correspondentes

ABPM – Associação Brasileira de Preservadores de Madeira
Argentera Comércio Internacional Ltda.
Bellimer BVBA
Belmonte Comercial Exportadora de Madeiras Ltda.
Braswood Ltda.
E. Carli Representações Ltda.
Embramad – Empresa Brasileira de Madeiras Ltda.
Fastrak Forest Products
Gutierrez Foreign Products Imp./Exp. Ltda.
Hans Arthur Wolff
IBI International AB
Legnotrade Madeiras Ltda.
M.M. Madeiras Ltda.

MRO – Maurício Ramos de Oliveira
Master Comércio Exterior Ltda.
Omar Import & Export Ltda.
Prime Lumber Indústria e Comércio de Madeiras Ltda.
Stanton Associados Imp. Exp. e Repr. Ltda.
Starwood Ltda.
Sultra Coml. Export. Ltda.
Thork Trading S.A.
Timber Marketing Services
Tropical Woods International Ltda.
Wood International Agency Limited
Wood Market Ltda.

Diretoria ABIMCI





ABIMCI

**Associação Brasileira da
Indústria de Madeira
Processada Mecanicamente**

Alameda Dr. Muricy, 474 | 2.º andar
80010-120 | Curitiba | PR | Brasil
Fone/Fax: 55 (41) 3225-4358
abimci@abimci.com.br | www.abimci.com.br